

TAYLOR JENKINS REID

Malibu
RENASCE

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

pa
ra
le
la

Malibu pega fogo.

É simplesmente o que Malibu faz de tempos em tempos.

Os tornados varrem as planícies do Meio-Oeste. As inundações tomam conta do Sul dos Estados Unidos. Os furacões atacam furiosamente a região do golfo do México.

E a Califórnia queima.

O território já pegava fogo de vez em quando na época em que era habitado pelo povo chumash, no ano 500 a.C. Pegou fogo no século XIX, quando os colonizadores espanhóis se apossaram da região. Pegou fogo em 4 de dezembro de 1903, quando Frederick e May Rindge eram os donos do pedaço de terra que hoje se chama Malibu. As chamas se espalharam por quase cinquenta quilômetros de terras costeiras e engoliram sua casa de praia vitoriana.

Malibu pegou fogo em 1917 e 1929, tempos depois de os primeiros astros de cinema chegarem lá. Pegou fogo em 1956 e 1958, quando os surfistas encaravam suas ondas com longboards e as garotas praieiras que os seguiam se espalhavam por suas areias. Pegou fogo em 1970 e 1978,

depois que os hippies se estabeleceram em seus penhascos.

Pegou fogo em 1982, 1985, em 1993, 1996, em 2003, 2007 e 2018. E uma ou outra vez nesse meio-tempo.

Porque queimar faz parte da natureza de Malibu.

Na divisa municipal de Malibu, hoje é possível ler uma placa que diz: MALIBU, 27 MILHAS DE BELEZA CINEMATOGRAFICA. A cidadezinha longa e estreita — agarrada à faixa litorânea por mais de quarenta quilômetros — é feita de mar e montanha, divididos por uma rodovia de duas pistas chamadas Pacific Coast Highway, ou PCH.

A oeste da PCH, há uma série de praias que abrigam as ondas azuis cristalinas do oceano Pacífico. Em muitos lugares ao longo da costa, casas de praia estreitas e altas se espremem na lateral da rodovia, competindo pelas vistas. A costa é escarpada e rochosa. As ondas são fortes e límpidas. O cheiro do ar é salgado.

Diretamente a leste da PCH ficam as imensas e áridas montanhas. Elas dominam o horizonte, com seu tom terroso e verde-sálvia, povoadas por arbustos do deserto e árvores nativas, além de uma vegetação rasteira e frágil.

É uma terra seca. Propagadora de chamas. Abençoada e amaldiçoada por uma brisa.

Os ventos de Santa Ana percorrem as montanhas e os vales, vindos do continente para a costa, fortes e quentes.

Segundo o mito, são agentes do caos e da desordem. Mas seu verdadeiro papel é o de aceleradores de incêndios.

Uma pequena faísca na madeira seca do deserto pode se transformar em chamas que se espalham por toda a parte, queimando num intenso brilho vermelho e alaranjado. Elas devoram a terra e exalam uma espessa fumaça preta que toma conta do céu, deixando o sol encoberto por quilômetros e quilômetros, fazendo as cinzas caírem como se fosse neve.

Os habitats — arbustos, moitas e árvores — e as casas — chalés e mansões e bangalôs, ranchos e vinhedos e fazendas — se desfazem em fumaça, deixando para trás uma terra esturricada.

Mas essa terra voltou a ser jovem, e está pronta para cultivar algo novo.

Destruição. E renascimento surgindo a partir das cinzas. A história do fogo.

O incêndio de Malibu de 1983 não começou nos morros áridos, mas na costa.

Teve início no número 28 150 da Cliffside Drive em um sábado, 27 de agosto — na casa de Nina Riva —, durante uma das festas mais famosas da história de Los Angeles.

A festa anual saiu do controle em algum momento por volta da meia-noite.

Às sete da manhã, a faixa litorânea de Malibu estava dominada pelas chamas.

Porque, assim como queimar faz parte da natureza de Malibu, provocar um incêndio e ir embora era parte da natureza de uma certa pessoa.

Sábado, 27 de agosto de 1983

PARTE UM

7h00 às 19h00

7h00

Nina Riva acordou, mas não abriu os olhos.

A consciência foi dominando seu corpo aos poucos, comunicando suavemente que já amanhecera. Ela ficou deitada na cama sonhando com a prancha de surfe sob seu peito na água, antes de começar a se recordar da realidade — que centenas de pessoas viriam até sua casa em apenas doze horas. Quando se deu conta disso, voltou a pensar que todos os presentes estariam sabendo da humilhação que havia sofrido.

Ela lamentou o fato sem sequer entreabrir os olhos.

Caso escutasse com atenção, Nina ouviria o som das ondas do oceano quebrando perto do pé do penhasco — bem distante.

Ela sempre quis comprar uma casa como aquela em que cresceu com os irmãos na Old Malibu Road. Um velho chalé de praia logo na saída da PCH, suspenso sobre palafitas, se projetando para o mar. Nina se lembrava com carinho dos respingos do mar na janela, da madeira semicorroída e do metal enferrujado que mantinha o chão sob seus pés. Queria poder sair para o pátio e ver a maré

alta, ouvir as ondas quebrando em alto e bom som logo abaixo.

Mas Brandon queria morar em um penhasco.

Então ele acabou comprando aquela mansão de concreto e vidro em um enclave fixado na encosta rochosa de Point Dume, quinze metros acima da praia, com acesso ao mar por um caminho inclinado cheio de pedras e degraus.

Nina apurou os ouvidos o melhor que pôde para escutar a água e não abriu os olhos. Por que abriria? Não havia nada para ver.

Brandon não estava na cama com ela. Não estava em casa. Não estava nem em Malibu. Estava no hotel Beverly Hills, com sua fachada de estuque cor-de-rosa e suas palmeiras. Brandon estava — muito provavelmente, considerando o horário — abraçando Carrie Soto enquanto dormia. Quando acordasse, talvez afastasse os cabelos dela com sua mão enorme e a beijasse no pescoço. E os dois talvez começassem a arrumar as malas juntos para partir para o U.S. Open.

Argh.

Nina não odiava Carrie Soto por roubar seu marido, porque maridos não podem ser roubados. Carrie Soto não era uma ladra; Brandon Randall era um traidor.

Era por causa *dele* que Nina Riva saiu na capa da edição de 22 de agosto da revista *Now This*, com a manchete O CORAÇÃO PARTIDO DE NINA: COMO UMA DAS METADES DO CASAL DE OURO DA AMÉRICA FOI DEIXADA PARA TRÁS.

Havia uma matéria inteira dedicada ao fato de que seu marido, o tenista profissional, a abandonara publicamente para ficar com a amante, também tenista.

A imagem da capa até que era lisonjeira. Eles haviam escolhido uma foto de um ensaio de Nina em trajes de banho nas ilhas Maldivas feito alguns meses atrás. Ela estava usando um biquíni fúcsia de cintura alta. Seus olhos castanho-escuros e suas sobrancelhas grossas eram emoldurados pelos cabelos compridos da mesma cor, iluminados pelo sol, parecendo um pouco úmidos, levemente ondulados. E havia também, claro, seus famosos lábios — o inferior carnudo e o superior mais fino. Os lábios dos Riva, como ficaram conhecido depois que foram tornados célebres por seu pai, Mick.

Na foto original, Nina segurava uma prancha de surfe, sua Town & Country 6'2" amarela e branca, que acabaram não incluindo na capa da revista. Mas ela já estava acostumada com isso a essa altura.

Na matéria, havia uma foto de Nina no estacionamento de um supermercado Ralphs, tirada três semanas antes. Nina estava usando um biquíni branco com um vestido florido por cima, fumando um Virginia Slims e levando um fardo com seis latas de Tab. Olhando mais de perto, era possível ver que ela havia chorado.

Ao lado, colocaram uma foto do pai dela, de meados dos anos 1960. Era um homem alto e moreno de uma beleza convencional, usando um short, uma camisa havaiana e sandálias diante do Trancas Market, fumando um

Marlboro e com uma sacola de compras na mão. Acima das imagens estava o título O FRUTO NÃO CAIU LONGE DA ÁRVORE DOS RIVA.

Nina foi retratada na capa como a mulher abandonada por um homem famoso e como a filha de um homem famoso no interior da revista. Sempre que pensava nisso, ela cerrava os dentes.

Nina enfim abriu os olhos e encarou o teto. Levantou da cama nua a não ser pela parte de baixo do biquíni, desceu a escada de cimento para a cozinha azulejada, abriu as portas de vidro deslizantes do quintal dos fundos e saiu para o pátio da casa.

Ela respirou o ar salgado.

Ainda não estava tão quente naquela manhã: a brisa que varre todas as cidades litorâneas estava soprando do mar. Nina sentiu o vento em seus ombros enquanto caminhava pela grama bem aparada, sentindo as pontas das folhas entre os dedos do pé. Andou até a beirada do penhasco.

Olhando para o horizonte, viu o mar de um azul perfeito. O sol já tinha se levantado havia uma hora ou mais. As gaivotas soltavam seus gritinhos agudos enquanto mergulhavam e emergiam da água.

Nina notou que as ondas estavam boas, o swell se deslocando para a praia de Little Dume. Observou enquanto algumas se quebravam, sem ninguém para surfá-las. Parecia uma tragédia. Aquelas ondas arrebentando sozinhas, deixando de ser pegas.

Ela as pegaria.

Ela deixaria que o mar a curasse, como sempre aconteceu.

Até podia estar em uma casa que jamais teria escolhido. Até podia ter sido deixada por um homem com quem já nem lembrava mais por que se casara. Mas o oceano Pacífico era seu lugar. Malibu era seu lar.

O que Brandon nunca foi capaz de entender era que a glória da vida em Malibu não vinha do luxo, mas sim da natureza.

A Malibu da infância de Nina era mais rural do que urbana, com as montanhas repletas de trilhas de terra e cabanas humildes.

O que Nina adorava em sua cidade era que as formigas sempre davam um jeito de chegar às bancadas das cozinhas, e que os pelicanos às vezes deixavam o gradil dos deques das casas cheios de cocô. Havia pilhas de esterco de cavalo nas laterais das ruas não asfaltadas, deixadas pelos cavalos dos vizinhos que iam fazer compras de charrete.

Nina viveu naquele pequeno trecho de litoral a vida toda, e compreendia que não podia fazer nada para impedir que o lugar se transformasse. Ela testemunhou o desaparecimento da classe média rural e seus ranchos humildes, que passaram a fazer parte do terreno de casas de praia gigantescas. Com vistas tão lindas, era só questão de tempo para que os podres de ricos comessem a aparecer.

A única verdadeira surpresa foi que Nina se casou com um deles. E agora pelo jeito era dona daquele pedaço de chão, gostasse dele ou não.

Logo mais, Nina daria meia-volta e entraria de novo em casa. Vestiria seu maiô e voltaria para aquele mesmo lugar, de onde desceria a encosta do penhasco e pegaria sua prancha no barracão que mantinha na areia.

Mas, naquele momento, Nina só pensava na festa daquela noite, quando precisaria encarar toda aquela gente que sabia que seu marido tinha ido embora. Ela não se moveu. Não estava pronta.

Em vez disso, se colocou bem na beirada do penhasco que nunca quis, olhou para a água que desejava que estivesse mais perto e, pela primeira vez em sua vida tranquila, berrou aos quatro ventos.

“Fica aqui.” Jay Riva desceu de seu cj-8, pulou o portão de um metro e meio, percorreu o caminho de cascalho e bateu na porta da casa da irmã mais velha.

Não houve resposta.

“Nina!”, ele gritou. “Já acordou?”

A semelhança entre os dois era impressionante. Como Nina, ele era alto e esguio, só que mais forte. Seus olhos castanhos, os cílios compridos e os cabelos desarrumados compunham uma beleza que nunca passava despercebida. Com o short de nylon, a camiseta desbotada, os óculos escuros e os chinelos, parecia exatamente o que era: um surfista profissional.

Jay bateu de novo na porta, com um pouco mais de força. Ainda nada.

Ficou com vontade de esmurrar a porta até Nina sair da cama. Sabia que, em algum momento, ela apareceria para atendê-lo. Mas aquele não era o momento de ser babaca com Nina. Em vez disso, Jay deu meia-volta, pôs os óculos Ray-Ban Wayfarers e caminhou de volta até seu jipe.

“Vamos ser só eu e você mesmo”, ele falou.

“A gente devia acordar ela”, disse Kit. “Ela ia querer pegar essas ondas.”

Kit, a irmã caçula. Jay ligou o motor e começou a manobrar para virar o carro, tomando cuidado para que as pranchas ficassem onde estavam. “Ela vê a mesma previsão do tempo que a gente”, ele falou. “Está sabendo do swell. Ela sabe se virar sozinha.”

Kit ficou pensativa e olhou pela janela. Mais exatamente: olhou na direção de onde estaria a janela caso o jipe tivesse portas.

Ela era magra e baixinha, com um corpo forte e pele bronzeada. Os cabelos castanhos eram compridos, clareados pelo sol com a ajuda de suco de limão, sardas cobrindo o nariz e invadindo as bochechas, olhos verdes e lábios cheios. Parecia uma versão em miniatura da irmã, mas sem a mesma elegância e tranquilidade. Bonita, mas talvez um pouco esquisita. Um pouco esquisita, mas talvez bonita.

“Acho que ela está deprimida”, Kit disse por fim. “Precisa sair daquela casa.”

“Ela não está *deprimida*”, Jay rebateu ao chegar ao cruzamento em que as ruas do bairro chegam à PCH. Ele olhou para os dois lados, se preparando para entrar na rodovia. “Só levou um pé na bunda.”

Kit revirou os olhos.

“Quando Ashley e eu terminamos...”, Jay continuou. A essa altura já estavam seguindo para o norte pela PCH, com o sopé das montanhas à direita, a imensidão azul do oceano à esquerda e um vento tão forte que Jay precisou

gritar. “Eu fiquei bem chateado, mas depois superei. Logo a Nina também vai. É assim que as coisas são.”

Jay pareceu esquecer que, quando Ashley terminou o relacionamento, ele ficou tão abalado que só foi admitir o que tinha acontecido quase duas semanas depois. Mas Kit não queria mencionar isso e correr o risco de ele falar sobre a vida amorosa *dela*. Aos vinte anos de idade, nunca tinha beijado ninguém. E era algo em que ela pensava todo dia, toda hora, em alguns momentos com mais intensidade do que em outros. Seu irmão sempre falava com ela como se fosse uma criança quando o assunto era o amor, e Kit sentia seu rosto ficar vermelho — tanto de vergonha como de raiva.

O carro se aproximou de um sinal vermelho, e Jay diminuiu a velocidade. “Só estou dizendo que cair na água é provavelmente a melhor coisa para ela agora”, Kit disse.

“A Nina vai ficar bem”, ele disse. Como não havia ninguém no cruzamento, acelerou e seguiu em frente antes que o sinal abrisse.

“Na real, nunca gostei do Brandon”, Kit comentou.

“Ah, gostava, sim”, Jay retrucou, espiando-a com o canto do olho. Ele estava certo. Ela gostava mesmo. Gostava muito. Assim como todos eles.

O vento rugiu com força quando o carro ganhou velocidade, os dois ficaram em silêncio até que Jay fez uma conversão de cento e oitenta graus e estacionou à beira da estrada na County Line, uma faixa de areia na

extremidade norte de Malibu, onde havia surfistas na água o ano inteiro.

Naquele dia, com o swell de sudoeste, haveria ondas com formação boa o suficiente para pegar tubos. Talvez até daria para se exhibir um pouco, dependendo da inclinação.

Jay tinha ficado em primeiro e terceiro lugar em dois Campeonatos de Surfe dos Estados Unidos. Saiu três vezes na capa da *Surfer's Monthly* em três anos. Era patrocinado pela O'Neill, e recebeu uma oferta da RogueSticks para criar uma linha de pranchas Riva. Naquele ano, era o favorito a ser o primeiro a ganhar uma Tríplice Coroa.

Jay sabia que era bom. Mas também sabia que chamava atenção por ser filho de quem era. E às vezes era difícil separar as duas coisas. A sombra de Mick Riva pairava sobre cada um de seus filhos.

“Pronta para mostrar para esses pregos como é que se faz?”, Jay perguntou.

Kit assentiu com um sorriso malicioso. A arrogância dele era ao mesmo tempo irritante e divertida. Para algumas pessoas, Jay poderia ser considerado o surfista mais promissor da porção continental dos Estados Unidos. Para Kit, porém, era só seu irmão mais velho, cujas manobras aéreas já estavam ficando batidas.

“Claro, vamos lá”, ela disse.

Um cara baixinho com expressão simpática e roupa de borracha aberta na altura dos quadris viu Jay e Kit descendo do carro. Seth Whittles. Estava com o cabelo

molhado e jogado para trás, enxugando o rosto com a toalha.

“E aí, cara, bem que pensei que ia te encontrar aqui hoje”, ele falou para Jay, se aproximando do jipe. “Os tubos aqui estão perfeitos.”

“Pode crer”, Jay respondeu.

Seth era um ano mais novo que Jay, e na época do colégio estava sempre na série anterior. Agora que eram adultos, Seth e Jay frequentavam os mesmos círculos e surfavam nos mesmos picos. Jay tinha a impressão de que Seth considerava isso uma espécie de vitória.

“Hoje a noite promete”, Seth comentou. Seu tom de voz soou um pouco presunçoso, e Kit entendeu na hora o motivo. Seth estava confirmando que tinha sido convidado para a festa de Nina. Kit o olhou, e ele sorriu para ela, só então reparando em sua existência.

“E aí”, ele disse.

“Oi.”

“Pois, é, cara, a festa vai rolar”, Jay respondeu. “Na casa da Nina em Point Dume, como no ano passado.”

“Lega, legal”, disse Seth, ainda olhando para Kit de rabo de olho.

Enquanto Seth e Jay conversavam, Kit pegou as pranchas da traseira do jipe e passou parafina nas duas. Em seguida, começou a arrastá-las para a areia. Jay logo a alcançou, e tirou sua prancha da mão dela.

“Então, acho que o Seth vai estar lá hoje à noite”, Jay comentou.

“Eu percebi”, Kit falou, enquanto prendia o leash no tornozelo.

“Ele estava... de olho em você”, Jay disse. Nunca tinha visto ninguém de olho em Kit antes. Em Nina, sim, o tempo todo. Mas não em Kit.

Jay deu mais uma olhada na irmã caçula, de um jeito diferente. Ela tinha ficado gostosa de repente ou coisa do tipo? Era uma pergunta que ele não tinha coragem de fazer a si mesmo.

“Sei”, Kit disse, desconversando.

“Ele é um cara legal, mas isso foi bem esquisito”, Jay continuou. “Alguém olhando para a minha irmãzinha daquele jeito bem na minha cara.”

“Eu tenho vinte anos, Jay”, Kit respondeu.

Jay franziu a testa. “Mesmo assim.”

“Enfim, eu prefiro morrer a ficar com Seth Whittles”, Kit disse, levantando e pegando a prancha. “Então não precisa nem se preocupar.”

Seth era um cara boa-pinta, na opinião de Jay. E era gente fina. Estava sempre apaixonado por alguma garota, que convidava para sair para jantar e esse tipo de coisa. Não tinha nada de errado com Seth Whittles. Às vezes Kit não fazia o menor sentido para ele.

“Pronto?”, Kit perguntou.

Jay assentiu. “Vamos nessa.”

Os dois correram para as ondas como tinham feito incontáveis vezes durante a vida — deitando sobre as pranchas e remando juntos, lado a lado.

Já havia algumas pessoas na água. Mas foi fácil notar, enquanto Jay atravessava a arrebentação e os outros viam quem chegava, que ele era o figurão ali. Todos se afastaram, abrindo espaço.

Jay e Kit puderam se posicionar no pico perfeito.

Hud Riva era baixo enquanto seus irmãos eram altos, atarracado enquanto eles eram graciosos e passava o verão ficando vermelho em vez de bronzeado — mas era o mais inteligente de todos. Inteligente demais para não entender as implicações do que estava fazendo.

Estava a cerca de doze quilômetros ao sul na PCH, chupando a ex-namorada de seu irmão, Ashley, em um trailer Airstream ilegalmente estacionado na praia de Zuma Beach.

Mas não era assim que ele descreveria a situação. Para Hud, aquilo era fazer amor. Havia sentimento demais envolvido em cada respiração para ser alguma coisa diferente de amor.

Hud amava a covinha que Ashley tinha em apenas um lado do rosto, e seus olhos verdes com toques de dourado e seus cabelos completamente dourados. Amava como ela dizia *antropologia* de um jeito errado, seu hábito de sempre perguntar como Nina e Kit estavam e o fato de seu filme favorito ser *A recruta Benjamin*.

Amava o dente torto que aparecia toda vez que ela ria. Sempre que Ashley notava que Hud estava olhando, ficava

com vergonha, tapava a boca com a mão e ria ainda mais. E ele amava isso também.

Nesses momentos, Ashley costumava dar um tapinha nele e falar: “Para com isso, você está me deixando sem graça”, ainda com um brilho de divertimento nos olhos. E, quando fazia isso, ele sabia que seu amor era correspondido.

Ashley costumava dizer que amava seus ombros largos e seus cílios compridos. Amava o fato de ele sempre cuidar bem da família. Admirava seu talento — a maneira como o mundo parecia mais bonito através da lente de sua câmera do que aos olhos dela. Admirava sua capacidade de encarar as mesmas águas perigosas que os surfistas, mas nadando ou se equilibrando em um jet-ski com uma câmera pesada na mão, e mesmo assim capturar com perfeição a luz e o movimento de Jay sobre a prancha.

Ashley considerava esse seu feito mais notável. Afinal, não foi só Jay que foi parar na capa da *Surfer's Monthly* três vezes em três anos. Hud também. Todas as fotos mais famosas de Jay foram feitas por ele. A onda quebrando, a prancha rasgando a água, as gotículas se desprendendo do mar, o horizonte...

Jay podia saber pegar ondas, mas era Hud quem transformava isso em algo belo. O nome Hudson Riva estava naquelas três revistas. Ashley achava que Jay precisava de Hud tanto quanto Hud precisava de Jay.

Era por isso que, quando olhava para Hud Riva, Ashley via um homem discreto que não precisava de atenção

nem de fama. Via um homem cujos trabalhos falavam por ele. Via um homem, em vez de um menino.

E, com isso, fazia Hud se sentir mais homem do que nunca.

A respiração de Ashley se tornou mais ofegante quando ele começou a acelerar o ritmo. Ele conhecia seu corpo, sabia do que ela precisava. Não era a primeira nem a segunda nem a décima vez que fazia aquilo.

Quando terminaram, Ashley puxou Hud para se deitar ao seu lado. O ar estava carregado — os dois tinham fechado todas as portas e janelas antes mesmo de se beijar, por medo de serem vistos ou ouvidos ou sequer *notados*. Ela sentou e abriu a janela mais próxima da cama, deixando a brisa entrar e o ar salgado cortar a umidade.

Era possível ouvir as famílias e os adolescentes na praia, as ondas chegando à areia, os apitos do salva-vidas no posto de observação mais próximo. Boa parte de Malibu tinha praias de acesso restrito, mas Zuma — uma larga faixa de areia fina sem obstruções na beira da PCH — era para todos. Em um dia como aquele, atraía gente de toda Los Angeles tentando viver alguns últimos momentos das férias de verão.

“Oi”, Ashley disse baixinho, com um sorriso tímido.

“Oi”, Hud respondeu, encantado.

Ele segurou os dedos da mão esquerda de Ashley e começou a brincar com eles, entrelaçando-os com os seus.

Hud poderia se casar com ela. Tinha certeza disso. Nunca havia sentido por ninguém o que sentia por ela.

Era como se essa certeza estivesse dentro dele desde sempre, embora tivesse plena consciência de que seria errado.

Ele estava disposto a dar tudo de si para Ashley, tudo de que dispunha, tudo que fosse capaz. O casamento dos sonhos, quantos filhos ela quisesse. O que havia de tão difícil em se dedicar a uma mulher? Para ele, era natural.

Hud só tinha vinte e três anos, mas já se sentia pronto para ser um marido, ter uma família, construir uma vida com Ashley.

Só precisava arrumar um jeito de contar para Jay.

“Então... hoje à noite”, Ashley disse enquanto sentava para se vestir. Ela suspendeu a parte de baixo do biquíni amarelo e pôs uma camiseta branca da UCLA com letras azuis e douradas na altura do peito.

“Espera aí”, Hud disse, sentando e quase batendo a cabeça no teto. Estava com um short de veludo côtelé azul-marinho e sem camisa. Seus pés estavam sujos de areia. Foi assim que ele, seu irmão e suas irmãs haviam sido criados. Areia no pé, no chão de casa, nos carros, nas mochilas e nos ralos dos banheiros. “Tira a camiseta. Por favor”, Hud pediu enquanto se inclinava para pegar uma de suas câmeras.

Ashley revirou os olhos, mas ambos sabiam que ela cederia.

Ele tirou os olhos do visor e a encarou diretamente. “Você é arte.”

Ashley revirou os olhos de novo. “Que cantada barata.”

Hud sorriu. “Eu sei, mas juro que nunca falei isso para nenhuma outra mulher no planeta.” Era verdade.

Ashley esticou a mão na frente do peito, puxou a bainha da camiseta e a tirou pela cabeça, os cabelos compridos e loiros caindo nas costas e sobre os ombros. Enquanto fazia isso, Hud acionava o obturador, capturando-a em todos esses estados de nudez.

Ela sabia que ficaria linda pelas lentes dele. Enquanto Hud fazia seus cliques, se sentia cada vez mais à vontade, ganhando vida com a ideia de ser vista por ele. Ashley levou as mãos lentamente à parte de baixo do biquíni, desamarrando os lacinhos que o prendiam. E, três cliques depois, a peça não estava mais lá.

Hud fez uma pausa por um segundo imperceptível, atordoado com a disposição e a iniciativa dela de se expor ainda mais para sua câmera do que ele tinha pedido. E então continuou. Fotografou sem parar. Ela sentou na cama e cruzou as pernas. E ele foi se aproximando cada vez mais com a câmera.

“Pode continuar”, ela falou. “Continua até a gente terminar.” Então puxou o short dele até o chão e levou a boca até ele. Hud continuou fotografando até os dois terminarem, quando ela olhou para cima e disse: “Essas fotos são só para você. Você que vai revelar, tá? Mas agora são suas para sempre. Porque eu te amo”.

“Tá”, Hud falou, ainda olhando para ela, atordoado. Ashley podia ser diversas coisas incríveis ao mesmo tempo. Confiante o suficiente para ser vulnerável a esse

ponto. Generosa, mas sempre no controle. Ele sentia uma tranquilidade imensa quando estava com ela, apesar de todas as emoções envolvidas.

Ashley ficou de pé, amarrou o biquíni de volta e vestiu a camiseta de um jeito decidido. “Então, como eu ia dizendo, sobre a festa de hoje à noite...” Ashley ficou olhando para Hud para observar sua reação. “Acho melhor eu não ir.”

“Pensei que a gente tivesse decidido que...”, Hud começou, mas ela o interrompeu.

“Já tem coisas demais acontecendo na sua família.” Ela começou a calçar as sandálias. “Você não acha?”

“Está falando da Nina?”, Hud perguntou enquanto seguia Ashley até a porta. “Ela vai ficar bem. Você acha que essa é a situação mais difícil que ela já teve que encarar na vida?”

“E é exatamente por isso”, Ashley disse, saindo do trailer e sentindo a areia nos pés e o sol atingindo os olhos. Hud estava logo atrás. “Não quero um escândalo. Sua família...”

“Atrai muita atenção?”, Hud completou.

“Exatamente. E eu não quero ser mais um problema para a Nina.”

Era por esse tipo de consideração por sua irmã, apesar de só tê-la encontrado algumas vezes, que Hud havia achado Ashley tão encantadora desde o momento em que a conheceu.

“Eu sei, mas... a gente precisa contar”, Hud argumentou, puxando Ashley para si. Ele a envolveu com os braços e apoiou o queixo sobre sua cabeça, beijando seus cabelos. Ela cheirava a bronzeador — um aroma artificial de coco e banana. “A gente precisa contar para o Jay”, ele esclareceu.

“Eu sei”, Ashley falou, apoiando a cabeça no peito de Hud. “Só não quero ser esse tipo de pessoa.”

“Que pessoa?”

“A mulher que não presta, né? Que se coloca no meio de dois irmãos.”

“Ei”, Hud falou. “Se eu me apaixonei por você, a responsabilidade é minha. Não sua. E foi a melhor coisa que já me aconteceu.”

Às vezes o destino bagunça tudo. Foi essa a conclusão de Hud. Era assim que ele entendia vários acontecimentos ao longo de sua vida. A mão que o guiava — que guiava a todos — para um determinado futuro... não tinha como isso funcionar sem erros.

Às vezes o irmão errado conhecia a garota primeiro. Não precisava ser mais complicado do que isso. Hud e Ashley... eles estavam apenas corrigindo o destino.

“Eu e Jay não fazíamos o menor sentido juntos”, Ashley falou, se afastando um pouco dele, mas mantendo as mãos dos dois entrelaçadas.

“Foi o que pensei na primeira vez que vi vocês”, Hud disse. “Eu pensei: *O lugar dessa garota não é com o Jay.*”

“E achou que meu lugar era com você?”

Hud sacudiu negativamente a cabeça. “Não, você é muita areia para o meu caminhãozinho.”

“Bom, pelo menos você admite.”

Ashley se inclinou mais um pouco para trás, afundando os pés na areia, só não caindo porque Hud a segurava. Ele a deixou ficar mais um pouco assim antes de puxá-la de volta.

“Você deveria ir, sim”, ele insistiu. “E aí a gente conta para o Jay e fica tudo certo.”

Havia um acordo tácito entre os dois de que o que contariam para Jay seria uma mentira. Ou uma meia-verdade.

Eles revelariam que estavam juntos. Só não diriam que começaram a transar seis meses antes, quando se encontraram por acaso no calçadão de Venice Beach, e Ashley ainda estava com Jay.

Ashley estava usando uma jaqueta jeans e um vestido vermelho que flutuava com a brisa. Hud vestia um short branco e uma camisa azul de manga curta, com um par de mocassins dockside gastos nos pés.

Estavam ambos bebendo com amigos quando se cruzaram em uma loja de suvenires para turistas, que vendiam regatas com frases engraçadinhas e óculos escuros baratos.

Pararam para se cumprimentar e avisaram os respectivos amigos que os encontrariam em breve. Mas esse “em breve” foi ficando cada vez mais distante, e por

fim eles se deram conta de que não voltariam para encontrar ninguém.

Continuaram conversando e caminhando sem pressa pelo calçadão, parando nas lojas e nos bares. Hud experimentou um chapéu de caubói, e Ashley deu risada. Ashley pegou um laço da Mulher-Maravilha e fingiu que ia girá-lo no ar. E, pela maneira como Ashley sorria para ele, Hud percebeu que aquela noite ganharia um significado diferente do que os dois haviam pretendido.

Horas mais tarde e vários drinques a mais, eles se enfiaram no banheiro de um bar chamado Mad Dogs. Ashley murmurou no ouvido dele: “Eu sempre quis você. Sempre preferi você”. *Ela sempre o preferiu.*

Um segundo depois de ouvir isso, Hud a beijou e a agarrou pelas pernas, prensando-a contra a parede com as coxas dela envolvendo sua cintura. O cheiro dela era o de uma flor cujo nome ele desconhecia. Os cabelos dela eram lisos e macios ao toque. Ele nunca se sentira tão bem como com Ashley naquela noite.

Quando terminaram, ambos se sentiram eufóricos e saciados e leves como o ar, mas com o peso da culpa revirando o estômago.

Hud se considerava um bom sujeito. Só que... transar com a namorada do irmão era uma coisa que um bom sujeito jamais faria.

E muito menos mais de uma vez.

Mas houve aquela noite, e depois outra. E então um jantar em um restaurante em outra cidade. E por fim as

conversas sobre como exatamente Ashley deveria terminar tudo com Jay.

E foi isso o que aconteceu.

Fazia cinco meses que Ashley tinha aparecido na porta do Airstream de Hud às onze da noite e dito: “Eu terminei com ele. E acho que preciso dizer que te amo”.

Hud a puxou para dentro, segurou seu rosto entre as mãos e disse: “Eu também te amo. Eu te amo desde... sei lá quando. Bem antes do que deveria”.

E desde então eles estavam só ganhando tempo, tentando encontrar o momento perfeito para contar a Jay aquela meia verdade. Uma meia verdade entre meios-irmãos, embora Jay e Hud nunca tenham considerado um ao outro nada menos do que irmãos por completo.

“Aparece na festa, sim”, Hud disse para Ashley. “Quero contar para todo mundo.”

“Não sei”, Ashley respondeu, colocando os óculos escuros de armação branca e pegando a chave do carro. “Vamos ver.”

8h00

Nina estava na arrebentação, sem conseguir encontrar as ondas compridas e lentas que procurava.

Ela não queria fazer manobras rasgadas. E, de todo jeito, o mar nem estava bom para isso naquela manhã. Tudo o que ela queria era montar na sua longboard e surfar elegantemente até as ondas a derrubarem.

O mar estava vazio. Essa era a vantagem de uma prainha pequena e exclusiva, protegida dos três lados por penhascos de quinze metros de altura. Embora fosse tecnicamente pública, as poucas pessoas que a conheciam teriam que chegar lá pelas escadarias de propriedades privadas ou estar dispostas a escalar as encostas escarpadas, correndo o risco de serem pegas pela maré alta.

Naquela manhã, Nina dividia a praia apenas com duas adolescentes de trajes de banho fluorescente, que tomavam sol enquanto liam livros de Jackie Collins e Stephen King.

Como Nina era a única na água, remou até um pouco além do pico, porque não tinha pressa para se posicionar. Enquanto boiava sobre a prancha, com o vento gelando

sua pele molhada, o sol queimando seus ombros descobertos e as pernas balançando na água, ela começou a sentir um pouco da paz que fora buscar ali.

Uma hora antes, estava surtando por causa da festa. Tinha inclusive pensado em cancelar. Mas não podia fazer isso com Jay, Hud e Kit. Eles esperavam o ano inteiro por essa festa, falando dela meses antes.

A festa havia começado como uma cervejada alguns anos antes, com grupos de surfistas e skatistas da região se reunindo na casa dos Riva no último sábado de agosto. Mas, com o tempo, a fama de Nina cresceu, e seu casamento com Brandon fez com que ainda mais olhos se voltassem para ela.

A cada ano, a festa parecia atrair mais gente famosa. Atores, pop stars, modelos, roteiristas, escritores, cineastas e até alguns atletas olímpicos. De alguma forma, aquela pequena reunião de amigos se tornou o evento em que todos queriam estar. No mínimo para poder dizer que estavam lá *quando...*

Quando, em 1979, Warren Rhodes e Lisa Crowne entraram pelados na piscina. Quando, em 1981, as supermodelos Alma Amador e Georgina Corbyn se beijaram na frente dos respectivos maridos. Quando, no ano anterior, Bridger Miller e Tuesday Hendricks se conheceram, dividindo um baseado no quintal de Nina. Eles ficaram noivos duas semanas depois, e Tuesday o deixou plantado no altar em maio. *A Now This* estampou

uma manchete a respeito que dizia: ENTENDA POR QUE TUESDAY DESISTIU DE ENTRAR NO JOGO DE BRIDGER.

Não havia fim às histórias que as pessoas contavam sobre o que acontecia na festa dos Riva, e em alguns casos Nina não sabia nem se era verdade.

Supostamente, Louie Davies descobrira Alexandra Covington enquanto ela fazia topless na piscina de Nina. Com seu papel de prostituta em *A vida fácil*, dois anos depois, Covington ganhou um Oscar.

Segundo falavam por aí, na festa de 1980, Doug Tucker, o novo chefe do Sunset Studios, ficou bêbado e saiu dizendo para tudo mundo que tinha provas de que Celia St. James era lésbica.

Seria verdade que Rob Lowe, vizinho de Nina, tinha cantado “Jack & Diane” em dueto com seu outro vizinho, Emilio Estevez, na cozinha no ano anterior? Os boatos diziam que sim, mas Nina nunca confirmou essa história.

Ela nem sempre ficava sabendo de tudo o que acontecia em sua casa. Não via todas as pessoas que apareciam. Sua maior preocupação era saber se seus irmãos e sua irmã estavam se divertindo. E isso era sempre uma certeza.

No ano anterior, Jay e Hud tinham fumado maconha com todos os membros do Breeze. Kit passou a noite toda conversando com Violet North no quarto de Nina, uma semana antes de o disco dela chegar ao primeiro lugar das paradas. Desde então, Jay e Hud conseguiam ingressos grátis para shows do Breeze sempre que queriam. E nas

semanas seguintes Kit só conseguia falar sobre como Violet era incrível.

Portanto, Nina sabia que não podia cancelar a festa assim do nada. Os Riva podiam não ser uma família convencional, por serem só os quatro irmãos e mais ninguém, mas tinham suas tradições. E, de qualquer forma, não tinha como cancelar uma festa para a qual nem sequer existiam convites. As pessoas apareceriam de qualquer forma, independente do que Nina quisesse ou não.

Ela havia inclusive ouvido de sua amiga Tarine, que conheceu em uma sessão de fotos da *Sports Illustrated*, que Vaughn Donovan pretendia ir. E Nina era obrigada a admitir que Vaughn Donovan era possivelmente o cara mais gato que já tinha visto em uma tela de cinema. O sorriso que ele abriu quando tirou os óculos no estacionamento do shopping em *Noite sem lei* ainda mexia com ela.

Quando viu o swell um pouco mais à sua esquerda, Nina concluiu que a festa não era uma maldição, e sim uma bênção. Era exatamente do que ela precisava. Ela merecia se divertir, se soltar. Poderia beber uma garrafa de vinho com Tarine. Poderia flertar. Poderia dançar.

Nina viu a primeira de uma série de ondas arrebentar logo à sua frente, enveredando lindamente de forma lenta e consistente para a direita, do jeito que ela queria. Então, quando a seguinte começou a se formar, foi remando para

acompanhá-la, sentindo o mar se elevar sob seu corpo, e ficou de pé.

Ela foi se movendo junto com a água, pensando apenas em como se ajustar, como mover os pés da maneira perfeita. Não pensou no futuro nem no passado, apenas no presente. *Como continuar, como me manter firme, como me equilibrar? Melhor. Por mais tempo. Com mais facilidade.*

Quando a onda ganhou força, ela se agachou um pouco mais. Quando desacelerou, ela impulsionou a prancha com o corpo. Enquanto se equilibrava, foi se deslocando levemente, como em uma dança, até o nariz de sua longboard, se movendo com uma sutileza que não comprometia a velocidade. Ela ficou parada ali, na ponta da prancha, movendo os pés e os braços para se manter firme.

Ela sempre se sentia salva por aqueles presentes da natureza.

1956

As histórias de nossas famílias são apenas narrativas. São mitos que criamos sobre as pessoas que vieram antes de nós, para que nossa existência faça sentido.

A história de June e Mick Riva parecia uma tragédia para sua filha mais velha, Nina. Uma comédia de erros para seu primeiro filho homem, Jay. Uma história de origem para o filho que veio a seguir, Hud. E um mistério para a caçula da família, Kit. Para o próprio Mick, era só mais um capítulo em suas memórias.

Mas, para June, sempre foi e sempre seria um romance.

Mick Riva conheceu June Costas nas praias de Malibu quando ela tinha dezessete anos. Era 1956, alguns anos antes da chegada dos Beach Boys, e apenas alguns meses antes que o best-seller *Gidget* começasse a atrair multidões de adolescentes para perto do mar.

Na época, Malibu era uma cidadezinha pesqueira e rural com apenas um semáforo. Era um trecho pacato do litoral, que fazia contato com o continente por meio de estradas vicinais estreitas que cruzavam as montanhas.

Mas estava crescendo e chegando à adolescência. Os surfistas estavam se instalando por lá com seus shorts curtos e suas pranchas longas, e os biquínis estavam entrando na moda.

June era filha de Theo e Christina, um casal de classe média que vivia em uma casa de rancho de dois quartos em um dos muitos penhascos de Malibu. Eram donos de um restaurante pouco lucrativo chamado Pacific Fish, que servia bolinhos de siri e mariscos fritos na beira da Pacific Coast Highway. Seu letreiro de letras cursivas em um vermelho vivo ficava em um ponto bem alto, convidando quem trafegava no sentido leste da rodovia do mar a comer alguma fritura e beber uma coca-cola gelada.

Theo ficava na fritadeira, Christina operava o caixa e, à noite e nos fins de semana, era trabalho de June passar panos nas mesas e limpar o chão.

O Pacific Fish era ao mesmo tempo o dever e a herança de June. Quando o lugar de sua mãe no balcão ficasse vago, o que se esperava era que ela o ocupasse. Mas June se sentia destinada a coisas maiores, mesmo aos dezessete anos.

June dava um sorriso enorme nas raras ocasiões em que alguma aspirante a estrela ou algum diretor de cinema apareciam ali. Reconhecia todos assim que passavam pela porta, porque lia as revistas de fofocas como se fossem bíblias, apelando para o coração mole do pai para que lhe comprasse um exemplar da *Sub Rosa* ou da *Confidential* toda semana. Enquanto limpava o ketchup grudado nos

tampas das mesas, June se imaginava no Pantages Theatre para a estreia de um filme. Enquanto varria o sal e a areia do piso, ficava se perguntando qual devia ser a sensação de se hospedar no Beverly Hilton e fazer compras na Robinson's. June era encantada pelo mundo em que os famosos viviam — a apenas alguns quilômetros de distância, e mesmo assim inatingível para ela, que estava presa ali, servindo batatas fritas para turistas.

As alegrias de June eram reservadas aos intervalos entre turnos. Ela saía mais cedo à noite e dormia até mais tarde sempre que podia. E, quando seus pais não precisavam dela no trabalho, June atravessava a Pacific Coast Highway e estendia sua canga na areia, em frente ao restaurante da família. Ela levava um livro e vestia seu melhor traje de banho. Fritava seu corpo pálido no sol, com óculos escuros no rosto e os olhos voltados para a água. Fazia isso todos os sábados e domingos até as dez e meia da manhã, quando a realidade a arrastava de volta para o Pacific Fish.

Em uma manhã de sábado no verão de 1956, June estava na praia, com os pés na areia molhada, esperando a água esquentá-los antes de entrar no mar. Surfistas pegavam ondas, pescadores trabalhavam mais longe da costa e adolescentes como ela ficavam deitadas em cangas passando bronzeador nos braços.

June se sentiu mais ousada naquela manhã e vestiu um biquíni azul sem alças. Seus pais nem faziam ideia de que aquele biquíni existia. Ela havia ido até Santa Monica com as amigas e visto na vitrine de uma boutique. Comprou

com o dinheiro das gorjetas que economizava, e ainda teve que pegar três dólares emprestados com Marcie.

Sabia que se sua mãe visse, teria que devolver ou, ainda pior, jogar fora. Mas queria se sentir bonita. Queria transmitir uma mensagem e esperar para ver se alguém responderia.

June usava os cabelos castanho-escuros em um corte chanel, tinha o nariz pequeno e fino e lábios rosados e bem desenhados. Os olhos castanho-claros eram grandes e tinham o tipo de brilho que muitas vezes acompanha a esperança. Aquele biquíni era promissor.

Quando chegou à praia naquela manhã, se sentiu quase nua. Às vezes, até se sentia levemente culpada pelo tanto que gostava do próprio corpo. Adorava a maneira como seus seios preenchiam a parte de cima do biquíni, e o formato de ampulheta de sua cintura. Ela se sentia mais viva quando estava assim, parcialmente exposta. June se curvou para a frente e passou as mãos na água gelada que envolvia seus pés.

O então desconhecido Michael Riva, de vinte e três anos, estava tomando banho de mar na arrebentação com três dos amigos que tinha conhecido nas casas noturnas de Hollywood. Estava em Los Angeles fazia dois anos, depois de ter deixado para trás o Bronx em busca de fama.

Ele estava tentando firmar o pé depois de ter sido atingido por uma onda, até que seus olhos encontraram uma garota sozinha na areia. Ele gostou do jeito dela, toda tímida e desacompanhada. E sorriu para ela.

June sorriu de volta. Então Mick deixou os amigos de lado e foi até ela. Quando enfim a alcançou, uma gota de água gelada caiu do braço dele sobre a pele de June. Ela já estava se sentindo lisonjeada com aquela atenção antes mesmo de começaram a conversar.

Mick era inegavelmente bonito, com seus cabelos puxados para trás por causa da água, seus ombros largos e bronzeados brilhando sob o sol e seu calção de banho branco e justo. June gostou dos lábios dele — o inferior tão carnudo que parecia inchado, e o superior mais fino, formando um V perfeito no meio.

Ele estendeu a mão. “Eu sou Mick.”

“Oi”, ela disse, segurando a mão dele. O sol brilhava forte, e June precisou cobrir os olhos com a mão esquerda para conseguir enxergá-lo. “Eu sou June.”

“June”, Mick falou, segurando a mão dela por um tempo meio exagerado. Não comentou que achava June um nome lindo. Simplesmente expressou esse sentimento com a alegria que demonstrou ao repeti-lo em voz alta. “Você é a garota mais bonita dessa praia.”

“Ah, não sei, não”, June falou, desviando o olhar, rindo. Ela sentiu que estava ficando vermelha, e torceu para que ele não reparasse.

“Sinto muito em informar, mas isso é um fato, June”, Mick respondeu, encarando-a e soltando sua mão. Ele se curvou lentamente e a beijou no rosto. “Será que podemos sair juntos uma hora dessas?”

June sentiu a empolgação se espalhar pelo seu corpo, do coração até as pernas.

“Eu adoraria”, ela respondeu, se esforçando para manter um tom de voz neutro. June não tinha muita experiência com homens — seus únicos encontros tinham acontecido nos bailes do colégio —, mas sabia que era preciso não parecer animada demais com a ideia.

“Muito bem, então”, ele falou, fazendo um aceno. “Estamos combinados.”

Quando Mick se afastou, June estava confiante de que ele não havia percebido que ela estava nas nuvens.

Naquele sábado à noite, às quinze para as seis, June limpou a última mesa no restaurante e tirou discretamente o avental vermelho. Ela se trocou no banheiro pequeno e mal iluminado. Se despediu dos pais com um aceno tímido. Disse a eles que ia encontrar uma amiga.

Quando foi para o estacionamento com seu vestido favorito de saia rodada e um cardigã cor-de-rosa por cima, viu seu reflexo no espelho de mão uma última vez e ajeitou os cabelos.

E então deram as seis horas. Mick Riva chegou pontualmente, em um Buick Skylark prateado. Estava usando um terno azul-marinho bem ajustado, camisa branca e gravata preta, não muito diferente do visual com que ficaria conhecido poucos anos depois.

“Oi”, ele disse enquanto descia do carro e abria a porta.

“Oi”, June respondeu quando entrou. “Você é mesmo um cavalheiro.”

Mick sorriu com o canto da boca. “Quase sempre.” June se segurou para não desmaiar.

“Aonde nós vamos?”, June perguntou quando Mick saiu do estacionamento e tomou a direção sul.

“Não se preocupe”, Mick falou, sorrindo para ela. “Vai ser ótimo.”

June se recostou no assento e pôs a bolsa no colo. Olhando pela janela, observou o pôr do sol sobre o oceano. Em momentos tranquilos como aquele, era possível apreciar como sua cidade era bonita.

Mick encostou no estacionamento do Sea Lion, escavado na encosta rochosa com sua placa enorme com um peixe-espada proclamando que se tratava de um lugar MUNDIALMENTE FAMOSO.

June ergueu as sobrancelhas. Tinha ido lá algumas vezes com seus pais, em ocasiões especiais. As regras de sua família para lugares como aquele eram estritas: beber apenas água, pedir só uma entrada, dividir o prato principal e nada de sobremesa.

Mick abriu a porta do carro e segurou sua mão. Ela desceu.

“Você está maravilhosa”, ele comentou.

June tentou não ficar vermelha. “Você também está muito bonito”, ela disse.

“Ora, obrigado”, Mick respondeu, ajeitando a gravata e fechando a porta do carro. Logo depois, June sentiu o

calor da mão dele na parte inferior de suas costas, conduzindo-a até a entrada. Ela imediatamente cedeu ao toque, sentindo uma espécie de alívio — como se, por fim, alguém a estivesse encaminhando para seu futuro.

Uma vez lá dentro, os dois foram levados a uma mesa perto da janela, com vista para o Pacífico.

“Que lindo”, June disse. “Obrigada por ter me trazido aqui.”

Ela viu o rosto de Mick formar um sorriso. “Ah, que ótimo”, ele falou. “Eu imaginei que você gostasse de frutos do mar, mas não tinha como ter certeza. Pelo que entendi, o Pacific Fish é da sua família, certo?”

“Sim.” June assentiu. “Meus pais são os donos, e são eles que cuidam de tudo. Eu ajudo.”

“Então você já está enjoada de comer lagosta?”, Mick perguntou.

June fez que não com a cabeça. “Nem um pouco. Estou enjoada de *sanduíches* de lagosta. Não vou me incomodar nem um pouco se nunca mais comer um. Mas nós quase nunca servimos lagostas inteiras. E nem filés nem nada do tipo. Só hambúrguer, batatas fritas, mariscos, esse tipo de coisa. Tudo frito. Não existe comida no mundo que o meu pai não saiba fritar.”

Mick deu risada, surpreendendo June. Ela o encarou e sorriu.

“Quando se aposentarem, eles querem que o lugar seja meu.” Há pouco tempo, seus pais tinham mencionado uma ideia nada atraente para June: que ela se casasse com

um homem que também quisesse entrar no ramo dos restaurantes.

“E pelo visto você não está muito empolgada com isso, não é?”, Mick perguntou.

June fez que não com a cabeça. “Você ficaria?” Talvez ficasse. Talvez a ideia de se casar com um homem que quisesse assumir o restaurante não fosse tão ruim.

Mick olhou fundo nos olhos de June e a encarou por um momento. “Não”, ele disse. “Eu não ficaria muito empolgado com isso, não.”

June fitou sua água e deu um gole. “Pois é, imaginei que não.”

“É que estou atrás de coisas maiores, só isso”, Mick falou.

June ergueu os olhos. “Ah, é?”

Mick sorriu e baixou o cardápio. Ele se ajeitou na cadeira e se inclinou para a frente como se fosse contar um segredo, ou tentar vender alguma coisa, ou evocar um feitiço. “Eu sou cantor.”

“Cantor?”, June perguntou, elevando o tom de voz. “Que tipo de cantor?”

“Um dos bons.”

June deu risada. “Bom, então eu gostaria de ouvir você cantar algum dia desses”, ela disse.

“Estou conseguindo espaço em Hollywood aos poucos, me apresentando em algumas casas noturnas, conhecendo pessoas. Ainda não ganho muita coisa. Quer dizer, não ganho quase nada, para ser sincero. Trabalho pintando

casas durante o dia para pagar as contas. Mas eu chego lá. Meu amigo Frankie conhece um cara que trabalha para o diretor artístico da Runner Records. Se eu impressionar o sujeito, posso conseguir meu primeiro contrato de gravação.”

As palavras *Hollywood* e *circuito de casas noturnas* e *contrato de gravação* fizeram o coração de June se acelerar. Ela sorriu, sem conseguir desviar os olhos dele.

O garçom apareceu para tirar os pedidos, mas antes que June pudesse abrir a boca Mick tomou a frente da situação. “Vamos querer o surf e turf.”

June se esforçou para esconder sua surpresa quando fechou o cardápio, que devolveu para o garçom.

“Então eu vou poder dizer que conhecia você antes da fama?”, ela sugeriu.

Mick deu risada. “Você acha mesmo que consigo?”, ele perguntou. “Acha que consigo um contrato de gravação? E ficar famoso? Fazer turnês pelo país com ingressos esgotados? Aparecer nos jornais?”

“Você quer saber a minha opinião?”, June questionou, alisando o guardanapo no colo. “Não sou desse meio. Ninguém se importa com o que eu penso.”

“Eu, sim”, Mick falou. “Eu me importo com o que você pensa.”

June o encarou e viu a sinceridade estampada no seu rosto. “Acho”, ela falou, balançando a cabeça. “Sim, eu acho que você consegue.”

Mick sorriu e bebeu do gelo no fundo do copo.

“Quem é que sabe?”, ele disse. “Daqui a um ano, eu posso ser uma sensação internacional, e você, a garota com quem vou estar abraçado nas fotos.”

June sabia que isso era só uma cantada. Mas ela era obrigada a admitir que estava funcionando.

Mais tarde, com o som das ondas entrando pela janela, Mick fez uma pergunta que até então ninguém nunca tinha feito para June. “Já sei que você não quer assumir o restaurante, mas o que você quer *de verdade*?”

“Como assim?”, June perguntou.

“Bem, se você fechar os olhos...”, ele falou.

June os fechou lentamente, mas sem pestanejar, aceitando a sugestão dele.

“Se imaginar um futuro feliz, o que você vê?”

Talvez um pouco de glamour, viagens, June pensou. Ela queria ser o tipo de mulher que, quando alguém elogiasse seu casaco de pele, pudesse dizer: “Ah, este aqui? Eu comprei em Monte Carlo”. Mas isso era só fantasia. Um devaneio. Havia uma resposta verdadeira também. Uma que ela era capaz de imaginar em cores vívidas. De forma tão real que era quase possível tocá-la.

Ela abriu os olhos. “Uma família”, June respondeu. “Dois filhos. Um menino e uma menina. Um bom marido, que goste de dançar comigo na sala de estar e se lembre do nosso aniversário de casamento. E nós nunca brigáramos. E teríamos uma casa bonita. Não nas colinas nem na cidade, na praia. Bem na praia. Com pias duplas no banheiro.”

Mick sorriu para ela.

Ele queria sair em turnê pelo mundo, mas também sempre imaginou uma família à sua espera quando chegasse em casa. Queria esposa e filhos, uma casa onde houvesse espaço para respirar em paz e ter tranquilidade mesmo quando as coisas não estivessem tranquilas. Não sabia se algum dia conseguiria levar esse tipo de vida. Não sabia nem como era, ou como conseguiu-la. Mas queria. Assim como ela. “Pias duplas, é?”, ele disse.

June assentiu. “Sempre gostei da ideia. Os pais da minha amiga tinham duas pias na casa deles em Trancas Canyon. Era em um rancho perto do mercado”, ela contou. “Nós brincávamos de experimentar roupas no quarto dos pais dela. Percebi que tinha pias duplas na suíte. E pensei: *Eu quero isso quando for adulta. Assim meu marido e eu podemos escovar os dentes ao mesmo tempo.*”

“Adorei isso”, Mick falou, assentindo com a cabeça. “Também não venho de um mundo em que as pessoas têm pias duplas. Na minha casa, nós não tínhamos dinheiro nem para comer sanduíches de lagosta.”

“Ah, eu não ligo para isso”, June respondeu. Ela não tinha certeza se era mesmo verdade. Mas sentiu que sim quando falou.

“Só estou dizendo que... eu não venho de família rica, nem sequer bem de vida. Mas acho que o lugar onde você nasceu não determina aonde você pode chegar.”

Mick tinha sido criado em uma espécie de cortiço, com o banheiro compartilhado entre várias famílias. Mas havia

decidido muito tempo antes que não haveria lugar para a pobreza em seu futuro. Ele teria *tudo que quisesse*, e isso seria a prova de que havia superado aquela situação de uma vez por todas.

“Eu vou ser rico algum dia, não se preocupe”, ele falou. “Só estou avisando que preciso começar de baixo.”

June sorriu. “O restaurante dos meus pais fica à beira da falência a cada dois anos”, ela contou. “Não estou em condições de julgar ninguém.”

“Você sabe que, se nós entrarmos nesse mundo de pias duplas, vamos ser chamados de novos-ricos pelas pessoas que já têm duas pias.”

June deu risada. “Não sei, não. Elas podem estar ocupadas demais se estapeando por um autógrafo seu.”

Mick riu também. “Um brinde a isso”, ele falou. E June ergueu seu copo.

Na hora da sobremesa, Mick deixou a decisão nas mãos de June. Ela ficou encarando nervosamente o cardápio, tentando fazer a escolha perfeita, enquanto o garçom a observava. “Estou em dúvida!”, ela falou. “Bananas caramelizadas com chantili ou bolo com sorvete e merengue?”

Mick fez um gesto com a mão. “A escolha é sua.”

Quando ela hesitou por mais um segundo, ele se inclinou para a frente e cochichou baixinho: “Mas pede as bananas”.

June ergueu os olhos. “As bananas caramelizadas, por favor”, ela disse para o garçom.

Quando a sobremesa chegou, os dois a dividiram.

“Cuidado aí, mocinho”, June falou com um sorriso nos lábios. “Você está acabando com o chantili.”

“Me desculpe”, Mick falou, se inclinando para trás. “Tenho um fraco por doces.”

“Bom, eu também, então acho que alguém vai ter que ceder.”

Mick sorriu e empurrou o prato para o outro lado da mesa, deixando o restante da sobremesa para June. Ela aceitou.

“Obrigada por finalmente ser um cavalheiro de verdade”, ela disse.

“Ah, entendi”, Mick falou. “Você queria que eu *dissesse* que íamos dividir a sobremesa e deixasse você comer tudo sozinha.”

June assentiu e continuou comendo.

“Bom, eu não sou esse tipo de sujeito. Quero participar da sobremesa. Quero a minha parte. E, se isso for pra frente, você vai precisar se acostumar com a ideia.”

Se isso for pra frente. June teve que se esforçar para não ficar vermelha.

“Tudo bem”, ela disse, entregando o resto para ele de bom grado. “É justo.”

Quando o garçom pôs a conta sobre a mesa, Mick a apanhou imediatamente.

“Precisa passar no banheiro antes de irmos?”, ele perguntou.

“Sim”, June falou, levantando da mesa. “Obrigada. Eu já volto.”

No banheiro, ela reaplicou o batom cor-de-rosa, passou pó no rosto e verificou se os dentes estavam limpos. *Ele iria beijá-la?* Quando abriu a porta, encontrou Mick à sua espera.

“Vamos?”, ele perguntou, estendendo o braço para ela.

Enquanto voltavam para o carro com passos acelerados, June ficou com a sensação de que talvez Mick não tivesse pago a conta, mas afastou esse pensamento assim que surgiu.

Depois que saíram do restaurante, pararam o carro do outro lado da estrada, perto da praia. Mick pegou a mão de June e a puxou para o ar frio da noite, e os dois foram andar descalços na areia gelada.

“Eu gostei de você, June”, Mick falou, puxando-a mais para perto e a segurando entre os braços. Ele queria uma mulher que pudesse fazer feliz. “Você é uma em um milhão.”

Ele começou a se balançar de um lado para o outro com ela, como se uma música estivesse tocando.

June não entendia ao certo o que Mick via de tão excepcional nela. Não conseguira manter a pose como gostaria. Com certeza deixara bem claro que estava encantada por ele. E com certeza ele notara sua ingenuidade em relação a tudo aquilo — ao amor, ao sexo. Mas, se Mick achava mesmo que ela era especial, talvez June também pudesse acreditar nisso.

“Posso cantar para você?”, Mick perguntou.

June sorriu e disse: “Sério mesmo que vou poder ouvir essa grande voz?”.

Mick deu risada. “Eu só estava vendendo meu peixe antes. Talvez tenha exagerado um pouco.”

“De qualquer jeito, eu adoraria ouvir.”

À beira da Pacific Coast Highway, a quilômetros de distância das casas noturnas de Hollywood, longe dos estúdios de cinema e da agitação de Santa Monica, Malibu ainda era um território pouco ocupado, entre o mar e o ermo, cortado por estradas às vezes não pavimentadas. Tudo ali parecia silencioso e selvagem.

June pressionou o corpo contra o dele e colou a bochecha ao seu peito, enquanto Mick começava a cantar uma música tranquila em uma praia tranquila, com sua linda voz para uma linda garota.

I'm gonna love you, like nobody's loved you, come rain or come shine.

Eu vou te amar como ninguém nunca te amou, faça chuva ou faça sol. A voz dele era suave e aveludada, e fluía sem o mínimo de esforço. As notas saíam de sua garganta como o ar saía dos pulmões, e June ficou maravilhada com aquela facilidade, com o fato de tudo no mundo parecer tão confortável quando estava com ele.

Ela percebeu que estava certa quando, durante o jantar, disse que acreditava que ele poderia se tornar famoso. Aquele homem em seus braços era um astro. June tinha certeza. E isso a encheu de empolgação.

I'm with you always, I'm with you rain or shine.

Estou com você, estou com você faça chuva ou faça sol. Quando a canção terminou, June não descolou o rosto dele nem parou de dançar. Simplesmente disse: “Você pode cantar Cole Porter agora?”. Ela adorava Cole Porter desde criancinha.

“Cole Porter é o meu favorito”, Mick falou. Ele se afastou por um instante para encará-la. “Uma mulher linda que briga comigo por causa de sobremesa e ainda por cima tem um ótimo gosto musical?”, ele questionou. “De onde você surgiu, June Costas?”

Mick não queria estar sozinho no mundo. Ele tinha um coração que se apegava às coisas. E ele queria se apegar a ela. June parecia uma boa pessoa a quem se apegar.

“Eu sempre estive aqui”, ela respondeu. “Em Malibu. Esse tempo todo.”

“Bom, graças a Deus que finalmente resolvi vir para cá”, ele disse antes de voltar a cantar.

Mick queria uma mulher com um coração bondoso, sem nenhum sinal de raiva. Uma mulher que nunca gritasse, nunca levantasse a mão para ninguém, que irradiasse afeto e amor, que acreditasse nele e apoiasse sua carreira.

Ele estava começando a pensar que June poderia ser essa mulher. E, de certa forma, é possível afirmar que foi nesse momento que Mick se apaixonou por June, caso a paixão fosse algo passível de escolha. Porque ele a escolheu.

Mas para June não foi uma questão de escolha. Ela estava completamente na dele.

E, depois que Mick segurou seu rosto e a beijou naquela noite na praia, não havia mais volta para June Costas.

9h00

Os cabelos de Nina estavam molhados e ondulados. A areia grudava nos seus pés, se acumulava nas dobras de seus joelhos e na raiz de seus fios.

Ela havia guardado a prancha no barracão e trancado o cadeado. Não queria sair da água, mas havia muito a fazer.

Enquanto começava a subir o caminho longo e íngreme até sua casa, ela sentia as pernas bambas, e as costas e o peito extenuados. Isso acontecia toda vez que ela saía do mar. Mesmo assim, foi fácil chegar a seu quintal.

Ela foi direto para o chuveiro externo, cercado por painéis de madeira na lateral da casa. Enquanto tirava o biquíni verde-escuro, nem precisou se preocupar em fechar a porta. Não havia nada nem ninguém diante de seu corpo a não ser o mar e as flores coloridas.

Nina deixou a água quente aquecer sua pele gelada, lavando o sal do mar, renovando sua energia. Então fechou o chuveiro, pegou uma toalha limpa e entrou em casa.

Sua casa enorme e silenciosa, cheia de espaço e luz.

Um lugar de corredores largos, paredes de vidro, sofás cor de marfim e tapetes de lã crua, casual na medida certa e intimidadora a ponto de dar a impressão de que sua elegância era natural e não exigia nenhum esforço. Penduradas nas paredes, estavam as pinturas que Brandon colecionava — um Warhol, um Haring, um Lichtenstein —, acrescentando um toque de vermelho ou uma pincelada de laranja ao ambiente agressivamente claro.

Nina secou os cabelos enquanto seguia para a escada que levava ao quarto. Ao passar pela cozinha, porém, viu a luz vermelha da secretária eletrônica piscando. Pensando que pudesse ser Jay, Hud ou Kit precisando dela, apertou o botão e começou a ouvir os recados.

“Oi, Nina, Chris aqui. Travertine. Animado para a festa de hoje. Queria já deixar avisado antes de te encontrar: não podemos fazer nada para impedir a divulgação das fotos extras do ensaio para o calendário. Os direitos são deles. E tecnicamente você não está nua, está de biquíni. E de qualquer forma, bom, você está uma gata, né? Com tudo em cima. E vamos conversar hoje à noite sobre a *Playboy*! Certo, até mais, querida. A gente se vê.”

Nina apagou a mensagem e subiu para o quarto.

Ela se olhou nos espelhos das portas deslizantes do closet. Era parecida com a mãe. Conseguia ver os traços de June em seus olhos e nas maçãs do rosto, que tornavam sua face arredondada. E também conseguia ver sua mãe em seu corpo, e senti-la em seu coração e em tudo o que

fazia, às vezes. Quanto mais velha ficava, mais óbvio isso se tornava.

Nina tinha vinte e cinco anos. E isso parecia pouco para ela, porque se sentia com muito mais. Sempre tivera dificuldade em conciliar suas impressões com os fatos. Aos vinte e cinco anos, era como se tivesse quarenta. Era casada, mas estava sozinha. Não tinha filhos, mas não havia criado crianças?

Ela vestiu uma calça jeans curta e uma camiseta desbotada do Blondie com as mangas cortadas. Deixou os cabelos úmidos e pingando soltos nas costas. Pegou o relógio prateado e pôs no pulso, constatando que logo seriam dez horas. O almoço no restaurante com os irmãos e a irmã seria ao meio-dia.

Embora todos os quatro tecnicamente tivessem herdado o negócio, era Nina quem se sentia na obrigação de mantê-lo vivo e prosperando. Não só pelo povo de Malibu, mas por sua mãe e seus avós, que cuidavam do lugar antes dela. O peso do sacrifício deles a impulsionava a fazer o mesmo.

Era por isso que ela costumava passar uma ou duas horas por lá todo sábado de manhã, para ver se estava tudo em ordem e conversar com os clientes. Naquele dia especificamente, não estava a fim de ir. Vinha sendo sempre assim nos últimos tempos. Mas sua presença atraía clientela, e ela se sentia na obrigação de estar lá.

Assim, Nina calçou seus chinelos de couro prediletos, pegou a chave de seu Saab e seguiu para o carro.

1956

Durante três meses, Mick levou June para jantar todos os sábados.

Saíam para comer hambúrguer e batatas fritas, ou comida italiana, ou filés grelhados. E sempre dividiam a sobremesa depois, disputando o último pedacinho da torta ou a última colherada do sorvete. A adoração mútua por açúcar tinha se tornado uma espécie de piada interna dos dois.

Uma vez, quando foi buscar June para sair, Mick apareceu com um punho fechado. “Trouxe um presente para você”, ele disse com um sorriso.

June abriu os dedos dele e viu o cubo de açúcar em sua mão.

“Para adoçar a vida do meu docinho”, ele falou.

June sorriu. “Que graça”, ela disse, pegando o cubo da mão dele e levando à boca. “Sei que foi uma brincadeira, mas mesmo assim não vou desperdiçar.”

Ele a beijou naquele instante, sentindo o gosto doce em seus lábios. “Trouxe uma caixa inteira, na verdade”, ele avisou, apontando para o assento dianteiro do carro, onde

uma caixa de cubos de açúcar Domino estava apoiada no encosto ao lado de uma garrafa de uísque de centeio.

Eles não saíram para jantar naquela noite. Pegaram a estrada comendo cubos de açúcar, bebendo uísque no gargalo e disputando em meio a brincadeiras a escolha do rádio. Quando o sol se pôs, eles estacionaram em El Matador — uma praia intocada e deslumbrante escondida sob as falésias, com formações rochosas tão imensas e impressionantes que davam a impressão de que o oceano resolvera criar seu próprio Stonehenge.

O para-brisa do carro de Mick servia como moldura para as ondas que chegavam à praia, um belo filme que nenhum dos dois assistia. Estavam bêbados e entupidos de açúcar no banco traseiro.

“Eu te amo”, Mick disse no ouvido de June.

June sentiu o cheiro de uísque no hálito dele, e também saindo pelos poros. Eles haviam bebido muito, não? Até demais, ela pensou. Mas tinha descido fácil. Chegou a ser assustador como tinha um gosto bom.

O corpo dele estava colado ao seu, e aquela sensação parecia um milagre, ela pensou. Ele poderia se encostar ainda mais, abraçá-la com mais força, como se os dois fossem se tornar um só.

Mick levou a mão à saia dela com um gesto lento, testando sua reação. Chegou até o alto de sua meia antes que ela o detivesse.

“Estou começando a sentir que não consigo viver sem você”, ele disse.

June o encarou. Sabia que era o tipo de coisa que os homens diziam para conseguir o que queriam. Mas e se ela também quisesse? Não havia uma resposta pronta para isso. Só falavam para afastar as mãos bobas até que estivesse casada. Ninguém nunca explicava o que fazer quando ela sentisse que iria morrer se aquela mão não continuasse subindo por suas pernas.

“Se não consegue viver sem mim”, ela disse, recobrando em parte o controle, “a solução é simples.”

Mick deixou a cabeça cair sobre o pescoço dela, em um gesto de derrota. Mas em seguida se afastou um pouco e sorriu. “Por que está dizendo isso? Duvida que eu te peça em casamento agora mesmo?”

O coração de June disparou como se quisesse voar para fora do peito. “Não tenho a menor ideia do que você vai fazer, Mick. Se quiser que eu saiba, vai ter que me mostrar.”

Ele enterrou a cabeça no ombro dela de novo e beijou sua clavícula. Ela soltou um gemido de prazer ao sentir os lábios dele na pele.

“Eu quero ser sua primeira”, ela disse. E sabia exatamente o que estava fazendo ao dizer aquilo. Assim poderia ouvir a resposta que queria e ainda acreditar que era verdade.

“Você vai ser”, Mick disse. Ele diria tudo o que ela quisesse ouvir. Essa era sua maneira de amá-la.

June o beijou. “Eu te amo”, ela disse. “Do fundo do meu coração.”

“Eu também te amo”, ele respondeu, tentando mais uma vez. Ela sacudiu a cabeça. Ele assentiu e desistiu.

Naquela noite, quando a deixou em casa, ele a beijou e disse: “Em breve”.

Mick e June estavam caminhando pelo píer de Santa Monica, perto da montanha-russa e do carrossel. As tábuas gastas rangiam sob seus pés.

June usava um vestido branco de bolinhas pretas. Mick estava de calça social e camisa de manga curta. Os dois formavam um belo casal, e sabiam disso. Percebiam a reação das pessoas quando os viam, a maneira como os funcionários dos lugares se empertigavam para atendê-los, os passantes se virando para dar uma segunda olhada.

Enquanto caminhavam na direção da água, com a rodagigante dominando a vista à sua esquerda, arrancavam camadas cor-de-rosa da montanha de algodão-doce que Mick carregava. O corante tinha deixado os lábios de June bem rosados. A língua de Mick estava vermelha como uma framboesa.

Ele jogou o cone vazio de papel no lixo e se virou para June. “Junie”, ele disse. “Eu tenho uma ideia que queria discutir com você.”

“Tudo bem...”, June respondeu.

“Aí vai”, Mick falou, apoiando-se sobre um dos joelhos. “June Costas, você quer casar comigo?”

June arfou com tanta força que ficou até com soluços.

“Querida, você está bem?”, Mick perguntou, ficando de pé. June sacudiu a cabeça.

“Estou bem”, ela disse, tentando recobrar o controle da respiração. “Eu... é que... eu não estava esperando por isso hoje. Tem certeza? É sério?”

Mick sacou uma pequena aliança, com aro de ouro bem fino e um diamante menor que uma sementinha de maçã. “Não é grande coisa”, ele falou.

“É tudo”, ela respondeu.

“Mas um dia eu vou te dar uma aliança enorme. Tão grande que vai deixar as pessoas cegas.”

“Uau”, ela disse.

“Estou progredindo, vou chegar lá.”

“Eu sei que sim.”

“Mas não vou conseguir sem você.”

“Ai, Mick...”

“Então isso é um sim?”, ele perguntou. Ficou surpreso ao notar que estava nervoso. “Você vai dizer sim, não é?”

“Claro que vou dizer sim”, ela respondeu. “Acho que fui colocada neste mundo para dizer sim para você.”

Mick a segurou nos braços e a girou algumas vezes. E, para June, de repente pareceu normal a ideia de que os humanos pudessem voar.

“Eu sei que posso fazer você feliz”, ele disse quando a pôs de volta ao chão e colocou a aliança em seu dedo. “Prometo que você nunca mais vai precisar pôr os pés naquele restaurante quando for minha. E vou comprar a casa dos seus sonhos algum dia. Com pias duplas no

banheiro, e quartos para quantas crianças você quiser, e bem em frente à praia.”

Era tudo o que ela sempre quis.

“É claro que vou ser sua mulher”, June murmurou, com lágrimas nos olhos.

“Vamos fazer tudo isso juntos, meu bem”, Mick disse, puxando-a para mais perto de si. Ela enterrou a cabeça no pescoço dele, sentindo seu cheiro, de pomada para pentear e loção pós-barba. Eles andaram de mãos dadas pelo píer, e Mick beijou June com uma paixão e uma urgência que nunca havia dedicado a ninguém antes.

Seus pais tinham morrido quando ele não tinha nem dezoito anos. Mas agora Mick estava formando sua própria família. Estava construindo o seu pedacinho de mundo. E eles seriam diferentes, Mick e June.

Quando chegaram ao carro, foram direto para o assento de trás. E, dessa vez, quando Mick levou a mão a sua saia, June pôde desfrutar da sensação. Ela se deixou tocar com toda a intensidade que desejava.

As pessoas agem como se o casamento fosse uma prisão, June pensou, mas isso não é liberdade? Ela estava muito entusiasmada por finalmente poder dizer sim, e sentir tudo o que sempre quis.

Enquanto eles se agarravam, June percebeu — pela confiança com que Mick a abraçava, pela sagacidade de seus movimentos — que aquela não era a primeira vez dele. Seu coração doeu um pouco ao descobrir a mentira. Mas ela não havia pedido por aquilo? Acabou se sentindo

ainda mais atraída por ele, e saciando sua necessidade de ser a única que de fato importava. Ela se deixou penetrar, levando a proximidade dos dois ao limite, e se entregou por completo.

June ficou em choque — surpresa, atordoada — quando ele começou a passar a mão nela enquanto estava dentro de seu corpo. Ficou tímida e envergonhada de ser tocada daquela maneira. Mas não queria pedir para ele parar, essa ideia era intolerável. E, instantes depois, o êxtase atravessou seu corpo como um raio.

E, de alguma forma, enquanto estava deitada no banco traseiro do carro, os dois ofegantes, June entendeu que nunca voltaria a ser a pessoa que fora até então, agora que havia descoberto o que ele era capaz de fazer com seu corpo.

“Eu te amo”, ela disse.

E ele a beijou, e a encarou, e disse: “Eu também te amo. Minha nossa, Junie. Eu também te amo”.

No dia seguinte, Mick foi visitá-la e segurou sua mão enquanto eles contavam na cozinha dos pais dela que estavam noivos e iam se casar.

“Ao que parece, a minha palavra não tem muito peso nessa escolha”, seu pai disse, franzindo a testa.

“Pai...”

Theo balançou a cabeça. “Eu vou ouvir o que ele tem a dizer, June. Você me conhece bem o suficiente para saber disso. Nunca me recuso a ouvir o que um homem tem a

dizer.” Ele apontou com o queixo para Mick. “Vamos lá, rapaz, me diga como pretende cuidar da minha filha.”

Mick deu uma piscadinha para June enquanto acompanhava Theo até a sala de estar. Ela se sentiu um pouco mais tranquila.

“Tire o frango da geladeira, querida”, sua mãe pediu. “Vamos fazer frango com arroz para o jantar.”

June obedeceu com movimentos silenciosos, tentando ouvir o que seu pai dizia para Mick. Mas não conseguiu distinguir uma única palavra.

Enquanto acendia o fogão, Christina se virou para June. “Ele sem dúvida é um dos homens mais bonitos que eu já vi na vida”, ela comentou.

June sorriu.

“Meu Deus”, Christina disse. “Parece um Monty Clift mais jovem.”

June pegou as cenouras e colocou sobre a tábua de corte.

“Mas isso é um motivo a mais para ter cautela”, Christina falou, sacudindo a cabeça. “É melhor não se casar com rapazes que parecem o Monty Clift.”

June se concentrou nas cenouras à sua frente e começou a picá-las. Ela sabia que sua mãe jamais entenderia. Nunca comprava vestidos novos, nunca fazia receitas diferentes, nunca assistia a nada na TV, a não ser o noticiário. Já havia visto sua mãe ler o mesmo exemplar desgastado de *Grandes esperanças* ano após ano, afinal “Por

que se arriscar com outro livro se eu já sei que gosto desse?”.

Se June não quisesse ter uma vida como a de sua mãe, era melhor não seguir seus conselhos. Simples assim.

Vinte minutos depois, enquanto Christina mexia o arroz e June, toda apreensiva, punha a mesa, Mick apareceu, com a mão de Theo sobre seu ombro.

Theo sorriu para June. “No fim você pode ter feito uma boa escolha, querida.”

Tomada de alegria, June correu até Mick e seu pai e abraçou os dois.

“Vocês têm a minha bênção”, Theo falou, se virando para Mick. “Nas condições que conversamos, filho.”

Mick assentiu com a cabeça.

“Obrigada, papai”, June falou.

Theo negou com a cabeça. “Não precisa me agradecer. Nosso Mick aqui tem alguns anos para tentar fazer sucesso, mas depois vai fazer a coisa certa e assumir o restaurante.”

Theo estendeu a mão para Mick, que sorriu e selou o acordo. “Sim, senhor”, ele disse.

Theo foi falar com Christina, e June puxou Mick de lado. “Nós vamos assumir o restaurante?”, ela murmurou.

Mick fez que não com a cabeça. “Era o que ele precisava ouvir agora. Mas você não escutou a primeira parte? Alguns anos para tentar fazer sucesso? Eu não preciso de todo esse tempo. Não se preocupa, Junie.”

Durante o jantar, Mick elogiou a comida de Christina, que finalmente abriu um sorriso. Mick pediu a opinião de Theo sobre apólices de seguro automotivo, e o pai de June ficou feliz em oferecer seus conselhos.

Durante a sobremesa, um bolo em camadas com recheio de morango, Theo pediu para Mick cantar.

“June falou que você canta Cole Porter melhor que o próprio Cole Porter”, Theo disse.

Mick fingiu uma certa timidez e então cedeu. Colocou o guardanapo na mesa e se levantou para cantar “I’ve Got You Under My Skin”. Antes que chegasse à segunda parte, Theo já estava balançando a cabeça com um sorriso no rosto.

Mick sentiu um nó na garganta e continuou cantando, mas, com um esforço extra para contrair o externo, estendeu as notas um pouco mais do que deveria. Quando terminou, Mick tirou um tempo para recobrar o fôlego, incapaz de olhar para Theo enquanto esperava sua pulsação voltar ao normal.

June aplaudiu. Theo se juntou a ela. “Muito bem”, ele comentou. “Muito bem.”

Mick olhou para ele e finalmente aceitou sua aprovação.

Christina abriu um sorriso largo, mas June percebeu que os lábios dela continuavam comprimidos, e os olhos se mantinham sérios. “Que lindo”, ela disse.

Mick se despediu de todos logo depois do jantar, e deu um beijo no rosto de June na entrada da garagem. “Nós

vamos chegar longe juntos. Você sabe disso, não sabe?”, ele perguntou.

June sorriu. “Claro que sei.”

Ele segurou a mão de June com força quando ela se virou para voltar para casa, como se quisesse ser arrastado por ela. Só a largou no último instante, sem querer se despedir. Esperou no carro até vê-la acenar da janela do quarto. Então voltou para a rua de marcha à ré e seguiu seu caminho.

Christina encontrou June no banheiro logo em seguida, lavando o rosto. Sua mãe já estava de robe e bobes nos cabelos.

“June, você tem certeza?”, Christina perguntou.

June sentiu seus ombros começarem a desabar, mas tratou de endireitá-los. “Sim, tenho certeza.”

“Eu sei que ele é bonito e tem uma voz linda, mas...”

“Mas o que, mãe?”, June quis saber.

Christina balançou a cabeça. “Você precisa saber se ele é capaz de tocar um restaurante.”

“Por acaso você já cogitou a possibilidade”, June disse, sentindo seu tom de voz se elevar, “de que eu posso querer alguma coisa melhor que um restaurante de beira de estrada?”

Christina fechou a cara e franziu os lábios, como se estivesse se protegendo da língua afiada da filha. June se preparou para o confronto por um instante, sem saber como a mãe reagiria. Mas o tom de Christina se amenizou de novo.

“Eu sei que você gosta de todo esse brilho, querida”, ela falou. “Mas ter uma vida boa é saber que tem gente que gosta de você, saber que pode cuidar das pessoas ao seu redor e saber que faz alguma coisa para tornar o lugar onde você vive um pouco melhor. E seu pai e eu fazemos isso alimentando as pessoas. Não consigo pensar em nada que seja maior que isso. Mas essa é só a minha opinião.”

June pediu desculpas e deu um beijo de boa-noite na mãe. Depois pegou um exemplar da *Sub Rosa* e imaginou que um dia leria a respeito de Mick naquelas páginas.

Mick começou a se apresentar ganhando cachê em restaurantes de Hollywood e Beverly Hills, cantando alguns standards enquanto os ricos jantavam. Depois conseguiu ser escalado para algumas casas noturnas de Hollywood com a banda de apoio que criou, The Vine.

A cada show, June ficava mais e mais orgulhosa, dizendo para quem quisesse ouvir que iria se casar com um *músico profissional*.

Mick & The Vine tocaram em um pequeno cassino em Las Vegas, em um cruzeiro de uma semana para Ensenada e no casamento do chefe do Sunset Studios.

Foi quando o Mocambo procurou Mick com uma proposta de dois shows solo na casa. June pulou de alegria quando ficou sabendo. Mick a abraçou e a girou no ar.

Na primeira noite, June o acompanhou e ficou atrás da cortina enquanto ele cantava, vendo os famosos chegarem

e assumirem seus lugares. Ela achou ter visto Desi Arnaz, e era capaz de jurar que Jayne Mansfield estava lá.

Depois do Mocambo, Mick foi convidado para se apresentar no recém-inaugurado Troubadour, em West Hollywood. E, de uma hora para outra, lá estava o nome dele, estampado em uma marquise. MICK RIVA: ÚNICA APRESENTAÇÃO.

June se deleitava com tudo isso. “Eu vou me casar com o sr. Mick Riva”, ela dizia para a sra. Hewitt, da mercearia; e para o sr. Russo, que fazia as entregas dos mariscos para o restaurante; e para a sra. Dunningham, do banco. “Ele acabou de fazer duas apresentações no Mocambo. Don Adler estava lá. Eu vi com os meus próprios olhos. Na noite anterior, Ava Gardner apareceu. Ava Gardner!”

Ela mostrou a aliança para as amigas de infância e para as garotas que serviam as mesas do restaurante nos dias mais movimentados. “Ele vai ser um cantor famoso um dia, praticamente já é”, June dizia.

Dois meses depois, Frankie Delmonte enfim marcou uma reunião com Mick na Runner Records. Na semana seguinte, ele apareceu na casa de June com um contrato de gravação e uma aliança nova. O diamante era duas vezes maior que uma semente de maçã.

“Não precisava ter feito isso”, June falou. Era tão brilhante, de um branco tão reluzente.

“Eu queria fazer”, Mick respondeu. “Não quero você andando por aí com uma coisinha de nada. Você precisa ter tudo do bom e do melhor.”

June tinha gostado da aliança menorzinha. E gostou daquela também.

“Espera só”, Mick continuou. “Nós vamos ganhar tanto dinheiro que vai chegar a ser indecente.”

June deu risada, mas naquela noite foi dormir sonhando com o futuro dos dois. *E se eles pudessem ter uma cama king-size? E um Cadillac? E se pudessem ter três filhos, ou até quatro? E se pudessem se casar na praia, em uma tenda enorme?*

Quando confessou essas ideias para ele, perguntando se poderiam se tornar realidade, Mick sempre dizia a mesma coisa. “Eu vou te dar o mundo inteiro.”

Ele murmurava isso em seu ouvido enquanto tirava seu vestido. Jurava isso para ela enquanto se enfiava entre suas pernas. “Tudo o que você quiser. Eu vou conseguir para você.” Ele passava a mão pelas suas costas, a beijava atrás da orelha, agarrava seus quadris.

Quem poderia culpar June pela frequência com que ia para a cama com ele antes de se casarem? Como ele sabia tão bem a maneira como ela queria ser tocada?

Quando ficaram sabendo que June estava grávida, nenhum dos dois ficou surpreso.

“June”, Christina falou, sacudindo a cabeça, na cozinha do Pacific Fish, expressando sua frustração com sussurros. “Pensei que você fosse mais esperta que isso, querida.”

“Me desculpa”, June falou, quase às lágrimas. “Me desculpa.”

Christina soltou um suspiro. “Bem, vocês vão ter que adiantar o casamento. Essa é a primeira providência. E acho que vou ter que arrumar um vestido mais largo para você. E o resto vamos pensando ao longo do caminho.”

June enxugou os olhos.

“Você não é a primeira mulher do mundo a perder o juízo por causa de um homem”, Christina falou.

June assentiu.

“Vamos lá”, Christina continuou. “Ânimo, querida. É um acontecimento feliz.” Ela abraçou June e beijou sua cabeça.

Mick e June fizeram seus votos matrimoniais em uma tenda armada sob as estrelas nas areias de Malibu. Com parentes como convidados dela, e alguns executivos da indústria fonográfica como convidados dele.

Naquela noite, Mick e June dançaram com o rosto colado enquanto a banda tocava. “Vamos ficar bem”, Mick disse a ela. “Vamos amar esse bebê. E vamos ter outros. E vamos ter jantares gostosos e cafés da manhã alegres e eu vou ficar com você para sempre, Junie. E você vai ficar para sempre comigo. E vamos ter um lar feliz. Eu prometo.”

June o encarou e sorriu. Em seguida voltou a colar o rosto ao dele.

Perto do fim da festa, Mick se posicionou diante dos convidados e pegou o microfone. “Se me permitem”, ele falou com um meio-sorriso. “Eu gostaria de cantar uma

música para vocês esta noite, que compus para a minha mulher e se chama 'Warm June'."

*Sun brings the joy of a warm June
Long days and midnights bright as the moon
Nothing I can think of but a warm June
Nothing I can think of but you **

Mick cantava bem em frente a June. Ela tentou não chorar, e caiu na risada quando não conseguiu. Se aquilo era só o começo, por Deus, quão longe eles chegariam juntos?

Nina nasceu em julho de 1958. Todos fingiram que ela era prematura. Mick levou as duas do hospital direto para a casa nova.

Ele havia comprado um chalé de três quartos e dois andares bem ao lado da praia. Era azul-bebê com janelas brancas, e ficava na Malibu Road, com os fundos voltados para o mar. Havia um alçapão no piso, na lateral do pátio, que levava a uma escada com acesso à areia.

Como se aquela casa não bastasse, havia um Cadillac novinho na garagem.

Quando June entrou na casa pela primeira vez, até perdeu o fôlego. As janelas da sala de estar davam para o mar, a cozinha era grande o bastante para comportar uma mesa para a família toda, os pisos eram de madeira maciça. Não poderia ser tudo o que ela queria, certo?

Todos os seus sonhos não poderiam ter sido realizados de uma vez, ou poderiam?

“Vem ver, Junie, vem ver”, Mick falou, todo animado, levando-a até a suíte principal. “É aqui que vai ficar a cama king-size.”

Segurando a pequena e delicada Nina nos braços, June seguiu o marido até o quarto e entrou na suíte. Ela olhou para a bancada da pia.

Passando os dedos pela porcelana, sentiu sua curvatura descer, se suavizar no fundo e subir de volta. Continuou a passar a mão pelo azulejo liso e o rejunte áspero da bancada, até sentir a curvatura da porcelana da segunda pia.

* Em tradução livre: “O sol traz a alegria do calor de junho/ Dias longos e noites iluminadas como a lua/ Não consigo pensar em nada além do calor de junho/ Não consigo pensar em nada além de você”. (N. T.)

10h00

Nina parou o carro no estacionamento do restaurante e desligou o motor. Enquanto descia, deu uma olhada na placa e se perguntou se não estava na hora de trocá-la.

O Riva's Seafood, que um dia se chamara Pacific Fish, ainda era um estabelecimento no estilo da velha Malibu, com sua placa desbotada e a pintura descascando. Não era mais só um lugarzinho de beira de estrada, e sim uma instituição. As crianças que costumavam frequentá-lo com os pais agora traziam seus próprios filhos.

Nina entrou pela cozinha com os óculos escuros ainda no rosto. Percebeu que cada vez mais vinha se escondendo atrás deles ultimamente. Só os tirou quando viu Ramon.

Ramon tinha trinta e cinco anos, cinco filhos e um casamento feliz havia mais de uma década. Tinha começado na fritadeira e sido promovido ao longo dos anos. Era gerente do Riva's Seafood desde 1979.

“Oi, Nina, tudo bem?”, Ramon perguntou enquanto tirava alguns camarões do freezer sem tirar os olhos da fritadeira.

Nina sorriu. “Ah, sabe como é, eu só vim ver se você não tinha tacado fogo em tudo.”

Ramon deu risada. “Só depois que você me incluir na apólice de seguro.”

Nina riu e passou para o lado dele do balcão, pegando uma rodela de tomate na tábua de corte. Ela jogou um pouco de sal e comeu. Em seguida se preparou para ir até as mesas de piquenique do lado de fora para cumprimentar e conversar com os clientes.

Quando saiu, o sol ofuscou seus olhos, e ela pôde sentir a versão falsa de si mesma ganhar vida. Um sorriso exagerado surgiu em seu rosto, e Nina acenou para algumas mesas cheias de gente olhando para ela.

“Espero que estejam todos gostando da comida”, ela disse.

“Nina!”, um garoto de no máximo quinze anos gritou e foi correndo até ela. Estava vestindo um short xadrez e uma camisa polo Izod. Nina viu o pôster enrolado em uma de suas mãos, e a caneta de ponta de feltro na outra. “Você assina para mim?”

Antes que ela pudesse responder, ele começou a desenrolar a foto. Nina já havia perdido a conta de quantas pessoas apareceram no restaurante com um pôster seu de biquíni em busca de um autógrafo. E, apesar de ser uma situação bizarra, ela sempre aceitava.

“Claro”, Nina respondeu, pegando a caneta da mão dele e escrevendo seu nome de forma bem legível, *Nina R.*, no

canto direito superior. Em seguida tampou a caneta e a devolveu para o garoto. “Prontinho.”

“Posso tirar uma foto com você também?”, ele pediu, e seus pais se levantaram da mesa com uma Polaroid em punho.

“Pode”, Nina assentiu. “Claro que sim.”

O garoto se posicionou ao seu lado e a abraçou pelos ombros, fazendo questão de obter a experiência completa. Nina sorriu para a câmera e se afastou discretamente alguns centímetros. Ela havia aperfeiçoado com maestria a arte da proximidade sem toque.

O pai acionou o obturador, e Nina ouviu o inconfundível estalo da foto sendo impressa.

“Tenham um ótimo dia”, ela disse, se dirigindo às outras mesas para cumprimentar os demais clientes antes de voltar para dentro. Mas, enquanto o garoto e a mãe observavam a foto, esperando que a imagem se revelasse por completo, o pai sorriu para Nina, estendeu a mão e alisou a lateral da camiseta dela, por cima das costelas e dos quadris.

“Desculpe”, ele disse, com um sorriso todo confiante. “Eu só queria *sentir como ela é macia ao toque.*”

Era a terceira vez que um homem fazia essa gracinha desde que o anúncio da marca de camisetas SoftSun Tees fora publicado, no mês anterior.

Nina tinha posado para aquela foto no início do ano, pelo cachê mais alto de sua vida. No anúncio, ela aparecia com a parte de baixo de um biquíni vermelho e uma

camiseta branca, com os cabelos molhados, os quadris curvados para a esquerda e o braço direito apoiado ao batente de uma porta. A camiseta era bem transparente. Não a ponto de mostrar seus mamilos, mas, se a pessoa olhasse fixamente por um bom tempo, poderia acabar se convencendo de que podia vê-los, sim.

Era uma foto sugestiva. E ela sabia disso, e que essa era a intenção desde o início. Todo mundo queria ver a surfistinha sem roupa — e Nina já não se incomodava mais com isso.

Mas eles haviam incluído um slogan sem consultá-la. *Sinta como ela é macia ao toque.* E posicionaram o texto logo abaixo de seus seios.

Era um convite a uma intimidade que Nina não queria.

Ela abriu um sorriso artificial para o pai do garoto e se afastou. “Com licença...”, ela disse, acenando para os demais clientes, voltando para a cozinha e fechando a porta atrás de si.

Nina sabia que, quanto mais fizesse aquele tipo de trabalho — e provavelmente para campanhas cada vez mais populares —, mais gente apareceria no restaurante. E com mais frequência iam querer uma foto com ela, seu autógrafo, seu sorriso, sua atenção, seu corpo. Ela ainda não sabia qual era a melhor forma de lidar com o sentimento de propriedade que as pessoas pareciam ter sobre ela. Chegou a se perguntar como seu pai se comportaria nessa situação. Mas sabia que ele não era tocado da mesma forma que ela.

“Você não precisa ir lá fora cumprimentar um por um”, Ramon falou quando a viu.

“Não sei, não... Mas bem que queria não precisar”, Nina falou. “Você teve tempo de dar uma olhada nas contas?”

Ramon assentiu, limpou as mãos em uma toalha e foi com ela até o escritório.

“O restaurante está indo bem”, ele falou enquanto a acompanhava. “Você sabe disso, né?”

Nina balançou a cabeça de um modo que não deixava claro se estava concordando ou discordando. “Minha preocupação é como manter assim”, ela disse enquanto os dois se sentavam e começavam a examinar os números. Era uma tarefa complicada.

O prédio era velho, a cozinha precisou ser reformada para cumprir o novo código de segurança fazia pouco tempo e o movimento flutuava muito de acordo com a estação.

Por sorte, o verão tinha sido bom. Mas a baixa temporada estava chegando, e o inverno anterior fora brutal. Para não fechar as portas, ela precisou fazer um aporte de dinheiro do próprio bolso em janeiro, como já havia acontecido algumas vezes antes.

“Nós saímos do vermelho no começo do ano”, Nina disse, virando o livro contábil para Ramon. “Isso é bom. Só estou um pouco preocupada de voltar a acontecer quando os turistas forem embora.”

Às vezes Nina achava que usava seu trabalho como modelo para sustentar um restaurante ao qual as pessoas

só iam para tirar uma foto dela, sem muitas vezes comprar nem mesmo um refrigerante.

Mas ela adorava os funcionários, e alguns dos clientes mais fiéis. E Ramon.

“Seja como for, vamos dar um jeito. Nós sempre damos”, ela disse.

Nina não seria a pessoa que, depois de três gerações, deixaria o Riva’s Seafood afundar. De jeito nenhum.

“A gente pode passar em casa antes de ir para o restaurante? Quero tomar um banho”, Kit disse por cima do barulho da estrada.

“Com certeza”, Jay concordou, ligando a seta para virar na rua em que havia crescido.

Jay e Kit eram os únicos dos irmãos Riva que ainda viviam na casa de sua infância. Nina morava em uma mansão em Point Dume e costumava viajar bastante para as sessões de foto. Hud adorava seu trailer Airstream. Mas Jay e Kit continuaram no chalé na praia em que foram criados, que seu pai comprara para sua mãe vinte e cinco anos antes.

Jay havia se instalado na suíte principal. Ele também viajava bastante. Estava sempre participando de campeonatos de surfe no mundo todo, com Hud ao seu lado.

Em pouco tempo, os dois partiriam para a North Shore de Oahu, no Havaí. Jay participaria do Duke Classic, do Mundial de Surfe e do Pipe Masters. Em seguida partiriam para a Gold Coast, na Austrália, e Jeffreys Bay, na África do Sul. A O’Neill pagaria boa parte das despesas, e em troca teria sua marca estampada em Jay em todos os eventos. Enquanto isso, Hud se encarregaria das fotos.

Além de outra capa de revista a caminho, os dois estavam planejando vender os direitos das imagens para a produção de pôsteres e calendários. Mas, para isso, precisavam viajar meio mundo. A rotina de um surfista profissional e de tudo que o rodeava exigia viver sempre com a mochila nas costas, de prontidão para partir a qualquer momento. Afinal, a paixão de Jay e Hud, seu sustento, seu modo de vida, dependiam da sempre imprevisível combinação de vento e água.

Então, por mais que Jay considerasse a Califórnia sua casa, ultimamente ele não considerava estar morando de fato em lugar nenhum.

Kit, por sua vez, ainda dormia na mesma cama da infância, estava indo para o terceiro ano de faculdade no Santa Monica College e passava as noites e os fins de semana atrás da caixa registradora do restaurante. O único respiro ao seu alcance era poder largar tudo de vez em quando e passar uns dias com os amigos em Santa Cruz, onde as ondas eram grandes, às vezes do dobro da altura dela. Mas no momento isso era o mais longe que a vida andava levando Kit — alguns quilômetros ao longo do litoral da Califórnia.

Seus irmãos estavam conhecendo o mundo, enquanto Kit continuava vendendo bolinhos de siri.

Ela também queria um pouco daquela emoção. Um pouco do glamour da vida de Nina, um pouco da adrenalina da vida de Jay e Hud. Tinha passado boa parte da infância seguindo os irmãos água adentro. Mas

suspeitava que mesmo que nenhum deles sequer tivesse passado perto de uma prancha, ainda assim ela surfaria.

Ela era ótima. Poderia se tornar uma lenda.

Também poderia estar sendo aplaudida e premiada. Mas não era levada a sério pelos irmãos, e sabia que não era tão linda quanto a irmã, então o que fazer? Kit não sabia ao certo. Não sabia se havia espaço sob os holofotes para alguém como ela. Uma surfista que não era gata.

Jay parou o carro diante da garagem, e Kit desceu.

“Já volto”, ele avisou.

“Espera aí, aonde você vai?”, ela quis saber. Estava com as maçãs do rosto e o nariz um pouco queimados. Isso a fazia parecer mais nova do que de fato era.

“Você vai demorar um tempão no banho, e eu preciso abastecer”, Jay explicou, olhando para o medidor de combustível para ver se pelo menos estava falando a verdade. O ponteiro estava mais ou menos na metade. “Só estou com um quarto de tanque.”

Kit lançou para ele um olhar cheio de ceticismo antes de se virar e sair andando para entrar em casa pela garagem.

Jay deu ré no carro e saiu acelerando com um pouco mais de força do que o necessário. O jipe rugiu sobre a superfície mal pavimentada da rua. Ele olhou para o relógio do rádio. Se fosse rápido, daria tempo.

A Pacific Coast Highway era o lugar em que se sentia mais à vontade fora do mar, e praticamente a única via de acesso da cidade. Havia pequenos bairros espalhados ao

longo da rodovia, acessos a penhascos e alguns centros comerciais. Mas não dava para chegar a lugar nenhum, fazer qualquer coisa ou visitar alguém em Malibu sem passar pelo asfalto da PCH. A possibilidade de ir a um restaurante, de fazer compras em uma loja, de chegar ao cinema a tempo, de garantir um lugar na praia, de conseguir o pico certo no mar — tudo dependia da quantidade de pessoas que resolveram pegar a estrada naquele dia. Era o preço a pagar pela vista bonita.

Jay se deslocou pelo tráfego da melhor maneira que podia, acelerando no sinal amarelo e ficando na pista da esquerda até o último instante possível antes de virar à direita na Paradise Cove Road.

Paradise Cove era uma pequena baía incrivelmente linda, escondida da PCH pela vegetação de palmeiras e carvalhos-do-vale. Jay entrou na ruazinha estreita e reduziu a velocidade. Quando seu jipe terminou de contornar a curva, a enseada com areia amarelada surgiu, cercada por penhascos magníficos e coroada por um céu azul límpido.

Havia um camping para trailers no alto de uma falésia com vista para a praia inteira, mas cobrava taxas tão absurdas que só a elite de Hollywood tinha condições de se hospedar ali.

Mas o restaurante de Paradise Cove era o verdadeiro motivo para Jay ir até lá. O Sandcastle era um restaurante de praia, onde era possível comprar um daiquiri por um preço abusivo e beber desfrutando da vista para o píer. Jay

estacionou o carro e verificou os bolsos. Uma nota de cinco e quatro de um. Pelo menos conseguiria pedir alguma coisa.

Jay entrou no restaurante, pôs os óculos escuros em cima da cabeça e foi até o balcão, onde foi saudado por um homem loiro com um bronzeado ainda mais intenso que o seu, e de cujo nome não conseguiu se lembrar.

“E aí, Jay”, falou o sujeito.

“E aí, cara”, Jay respondeu, fazendo um aceno de cabeça. “Posso pedir uma coisinha para viagem?”

Ele se virou, e Jay viu seu crachá. Chad. *Isso mesmo.*

“Lógico. O que você vai querer?” Chad pegou um bloquinho de papel.

“Só um, hã...” Jay deu uma olhada na lista dos especiais do dia na lousa e escolheu a primeira coisa que viu. “Uma fatia de bolo de chocolate. Para viagem.”

Jay tentou não ficar olhando muito ao redor, para não dar na cara. Se ela não aparecesse, decidiu que perguntaria. Talvez ela não estivesse trabalhando naquele dia. Nesse caso, estava resolvido. Tudo bem.

Chad apertou o botão da caneta como se estivesse empolgado com o pedido de Jay. “Um bolo de choco. É pra já, irmão.”

E nesse momento Jay lembrou que Chad era um mané.

Ele se sentou em um banquinho enquanto Chad ia até a cozinha. Jay olhou para seus tênis — um par surrado de Vans slip-on — e decidiu que estava na hora de comprar um novo. Seu dedão direito já estava começando a

aparecer em um buraco. Ele compraria outro igualzinho na semana seguinte — estampa xadrez, tamanho quarenta e quatro. Não havia por que mudar o que funcionava tão bem.

Nesse momento, Lara apareceu com uma caixinha de isopor, que estava colocando em uma sacola plástica.

“Bolo de chocolate?”, ela questionou. “Desde quando Jay Riva come bolo de chocolate?”

Então ela *estava* trabalhando naquele dia. E *estava* dando atenção a ele.

Lara tinha um metro e oitenta de altura. Na verdade, devia ter um e oitenta e dois, só uns cinco centímetros a menos que Jay. Era bem magra, cheia de ângulos retos. E, se Jay fosse totalmente sincero, não tão bonita. Não tinha feições tão refinadas. O rosto era ovalado, com um queixo proeminente. O nariz era fino, assim como os lábios. Mas, por algum motivo, ela exercia uma atração difícil de resistir.

Jay não conseguia parar de pensar nela. Estava encantado, fascinado e nervoso como um adolescente. Como nunca havia tido uma paixão adolescente, aquilo era uma novidade para ele — desconfortável, empolgante e difícil de lidar.

“Às vezes é preciso experimentar coisas novas”, ele falou.

Lara pôs a sacola ao lado da registradora e fechou a conta. Ele entregou o dinheiro. “Você vai à festa de hoje à noite?”, Jay perguntou. A pergunta estava feita, e ele ficou

contente com sua atuação. Casual, sem maiores sinais de ansiedade.

Lara abriu a boca para responder. O que ela estava prestes a falar definiria como seriam o dia e a noite de Jay.

Três semanas atrás, Lara e Jay — que até então se conheciam apenas vagamente — se cruzaram na frente do restaurante Alice. Jay estava voltando para a praia depois de fumar um baseado no píer de Malibu. Lara estava saindo do bar do restaurante. Acabara de ter um péssimo encontro, e o cara já tinha ido embora uma hora antes, então ela resolvera amenizar o desânimo bebendo algumas cervejas.

Quando Jay a viu, ela estava sentada em um banco de short jeans e top, tentando amarrar seus Keds brancos, totalmente bêbada.

Jay sorriu. Ela sorriu de volta, contente.

“Lara, certo?”, ele falou, acendendo um cigarro para disfarçar o cheiro da erva.

“Isso mesmo, Jay Riva”, Lara respondeu, ficando de pé.

Jay sorriu, envergonhado. “Eu sabia que seu nome era Lara. Só não quis parecer esquisito.”

“Já apresentaram a gente pelo menos três vezes”, ela disse com uma risadinha. “Não é esquisito saber meu nome. É educado.”

“Lara Vorhees. Você trabalha no Sandcastle, na maior parte do tempo no bar, mas às vezes servindo as mesas.”

Lara assentiu e abriu um sorriso. “Pronto. Viu só? Eu sabia que você ia conseguir.”

“Às vezes é bom manter a pose de bacana, não acha?”

“Quem é bacana de verdade não precisa fazer pose, precisa?”

Jay estava acostumado com mulheres o rodeando, deixando claro que estavam disponíveis, rindo de suas piadinhas mesmo quando não eram engraçadas. Não estava habituado a alguém como Lara.

“Tudo bem”, ele falou. “Já entendi. Então me diz. Se eu fosse bacana, o que diria agora?”

“Acho que você me perguntaria o que estou fazendo aqui”, ela disse. “E eu responderia que nada. Então você me convidaria para terminar de matar o baseado que você claramente tem, porque está chapado e com um puta cheiro de maconha.”

Jay deu risada, pego em flagrante. “O que você está fazendo aqui?”

“Nada.”

“Quer ir para algum lugar terminar de matar meu baseado? Estou chapado e com um puta cheiro de maconha.”

Lara deu risada. “Vamos lá para a minha casa.”

E eles foram. Lara morava em um apartamento pequeno de um prédio a uns quinhentos metros da praia, perto das montanhas, e com uma boa vista para o mar em noites de luar. Os dois ficaram na sacada minúscula, espremidos

entre dois vasos de plantas, dividindo uma cerveja e o baseado, observando a lua sobre o oceano.

Quando Lara perguntou, totalmente do nada, “Com quantas pessoas você já transou?”, Jay foi pego tão desprevenido que falou a verdade. “Dezessete.”

“Para mim, foram oito”, ela disse, olhando para o horizonte. “Mas isso meio que depende do que estamos chamando de sexo.”

Ele estava surpreso com ela. Onde estava a timidez? O recato? Jay era esperto o bastante para saber que essas características não eram necessariamente naturais às mulheres, mas também era capaz de entender que elas eram ensinadas a fazer aquilo. As mulheres precisavam se comportar daquela forma para cumprir seu papel no contrato social. Mas Lara não estava disposta a fazer isso.

“Digamos que a definição é ter um orgasmo”, Jay sugeriu.

Lara deu risada. Na cara dele. “Bom, então foram três”, ela completou, soltando a fumaça do baseado e passando de volta para Jay. “Os homens não são capazes de fazer as mulheres gozarem tanto quanto imaginam.”

“Eu garanto que comigo você teria um orgasmo”, ele disse, levando o baseado aos lábios.

Dessa vez ela não riu. Só o encarou e observou com mais atenção. “O que faz você ter tanta certeza disso?”

Ele sorriu e se inclinou um pouco para trás, afastando-se dela, fazendo-a sentir sua ausência. “Olha, se você não

quer ter um orgasmo que começa nos dedos dos pés e faz seu corpo todo tremer, não posso fazer nada.”

“Ah, que interessante”, Lara disse, brincando com o rótulo da garrafa de cerveja. “Como você conseguiu transformar a ideia de me levar para a cama parecer um favor. Vamos deixar uma coisa bem clara, Riva. Você não estaria aqui se eu não estivesse interessada. Mas é sorte *sua* eu estar interessada, não *minha*. Não estou nem aí para quem é o seu pai.”

Foi quando Jay se deu conta. Nesse momento. Ele estava se apaixonando por ela. Houve outros momentos naquela noite, claro, em que isso poderia ter acontecido.

Ele teria se apaixonado quando ela tirou a roupa ali mesmo na sacada? Talvez quando ela tocou seu rosto e o olhou bem fundo nos olhos e subiu em cima dele?

Talvez ele tenha se apaixonado quando eles se enroscaram um no outro, com as pernas entrelaçadas e os corpos colados até não sobrar nenhum espaço entre os dois. Eles se moveram em sincronia, como se soubessem exatamente o que estavam fazendo. Não houve movimentos em falso, nem desencontros, nem momentos embaraçosos. E Jay pensou que talvez aquilo fosse amor.

Ou talvez ele tenha se apaixonado mais tarde, com a noite escura lá fora e os dois fingindo que dormiam, mas sabendo que o outro estava acordado. Ela ficou deitada sem roupa, sem fazer a menor menção de que queria se cobrir. E a pele dela era a única coisa que ele conseguia ver na escuridão.

Foi quando Jay respirou fundo e, pela primeira vez, contou a respeito de seu novo grande segredo. Aquilo que o estava consumindo por dentro.

“Acabei de descobrir que tenho um problema no coração”, ele disse. “Se chama cardiomiopatia dilatada.”

Era a primeira vez que dizia aquele nome em voz alta desde que o ouviu da boca do médico, na semana anterior. Pareceu uma coisa tão estranha que ele se perguntou se não havia pronunciado errado. Ficou repetindo a palavra várias vezes em sua mente, até parecer completamente sem sentido. Não poderia ser isso mesmo, não é? *Cardiomiopatia?* Mas era. Ele havia falado igual ao médico.

Estava sentindo dores no peito fazia semanas. Percebeu isso logo depois de ser derrubado da prancha e tomar um caldo de duas ondas seguidas em Baja. Ficou embaixo d'água tanto tempo que pensou que fosse morrer afogado. Foi lutando contra a correnteza, tentando decifrar seus movimentos enquanto estava submerso, enfrentando o peso da água, desesperado para chegar ao céu aberto. Mas continuava rolando sem parar, arrastado pela maré. Sem saber como, de repente subiu à tona e lá estava o ar de novo.

Desde então, as dores o afetavam de tempos em tempos, um aperto que o pegava de surpresa, chegando do nada e o deixando atordoado, mas desaparecendo tão subitamente quanto começava.

O médico não sabia o motivo, até que, também de forma repentina, descobriu e passou a ter certeza absoluta.

Lara pôs a mão no peito dele e aproximou o corpo quente do seu. “O que isso quer dizer?”

Isso queria dizer que o ventrículo esquerdo do coração de Jay havia enfraquecido e não iria funcionar como deveria. Queria dizer que qualquer coisa que pudesse causar esforço excessivo e adrenalina, em especial ser arremessado para debaixo d’água, não era mais aconselhável. Ter extenuado seu coração enquanto quase morria afogado foi o fator desencadeante, mas a doença em si era hereditária, passada para ele pelas pessoas que o precederam, estava em seu sangue.

Jay poupou Lara desses detalhes, mas revelou a pior parte. “Eu preciso parar de surfar. Posso acabar morrendo.” Sua fama, seu dinheiro, sua parceria com o irmão... Um pequeno defeito em seu corpo lhe tiraria tudo isso.

Mas, ao ouvir aquilo, Lara disse: “Tudo bem, você encontra outra coisa para fazer”. Ela fez tudo parecer tão simples.

Sim, Jay pensou, foi nesse momento que se apaixonou por ela. Quando ela fez um baque tão terrível parecer um obstáculo fácil de superar. Quando ela desfez a escuridão de um futuro sombrio e abriu espaço para a luz entrar.

Ao acordar na manhã seguinte, Jay encontrou um bilhete de Lara avisando que fora trabalhar. Ele não tinha o telefone dela. Desse dia em diante, já passara no Sandcastle três vezes à sua procura.

“Não sabia se ia rolar”, Lara disse ao entregar o bolo de chocolate. “Quer dizer, eu não tenho convite.”

Jay sacudiu a cabeça. “Não precisa de convite. É um lance bem simples: se você sabe que a festa vai rolar e sabe onde fica a casa da Nina, então está convidada.”

“Bom, na verdade eu não sei”, Lara disse. “Onde fica a casa da Nina, no caso.”

“Ah”, Jay respondeu. “Bom, então sorte sua que você me conhece.”

Ele anotou o endereço da irmã em um guardanapo e entregou para Lara, que o apanhou e ficou olhando para o papel.

“Tudo bem se eu levar o Chad?”, ela perguntou, apontando com o queixo para o outro atendente.

Ela tinha alguma coisa com Chad? Jay sentiu suas entranhas se revirarem, chegando ao limiar da humilhação e da decepção. Seria uma queda bem longa e perigosa, da altura onde estava.

“Ah, claro”, ele disse. “Com certeza, claro.”

“Não estou transando com ele, se é isso que você está pensando”, Lara esclareceu. “Prefiro caras que não passam quatro horas por dia tomando sol com um refletor de alumínio na frente da cara.”

O alívio que Jay sentiu foi equivalente ao de colocar gelo em uma queimadura.

“Ele está deprimido porque levou um pé na bunda de uma ex-namorada ainda mais laranja que ele”, Lara disse.

“Alguém na sua festa vai curtir o Chad, não vai? A gente pode arrumar uma pessoa para ele, de repente?”

Jay sorriu. “Acho que o Chad vai ter opções de sobra lá na festa.”

Lara dobrou o guardanapo com o endereço e guardou no bolso do avental. “Então acho que vou a uma festa hoje à noite.”

Jay sorriu, satisfeito. Tudo resolvido. Foi por isso que ele havia ido até lá. Quando foi embora, nem lembrou de levar o bolo.

1959

O nascimento de Jay estava previsto para 17 de agosto de 1959. Bem no meio da turnê do disco de estreia de Mick, *Mick Riva: Main Man*.

June e Mick brigaram por causa das datas durante todo o primeiro semestre de gestação. Ela insistia para que ele adiasse alguns shows da segunda metade da turnê. Mick dizia que isso era praticamente impossível.

“É a minha chance”, Mick falou certa tarde quando estavam no pátio, observando a maré baixar. Nina estava dormindo, então os dois estavam se segurando para não levantar a voz. “Não dá para remanejar uma chance quando ela aparece.”

“É o seu *filho*”, June rebateu. “Não dá para remanejar o nascimento de um filho.”

“Não estou pedindo para remanejar o nascimento do meu filho, Junie, pelo amor de Deus. Só estou pedindo para você entender o que está em jogo aqui. O que estou construindo para os nossos filhos. O que estou construindo para a nossa família. Não consigo fazer tudo isso sozinho. Preciso da sua ajuda. Para eu conseguir

conquistar alguma coisa no mundo, preciso de você aqui, mantendo tudo em ordem, e sendo forte. Essa vida que nós queremos...” Mick soltou um suspiro e se acalmou. “Também exige sacrifícios da sua parte.”

June se sentou, resignada. O argumento fazia sentido, por mais que ela o detestasse. E, em algum momento no período em que Jay passou do tamanho de um limão para o de uma toranja, eles chegaram a um acordo.

Mick poderia se apresentar onde quisesse, quando quisesse, mas, quando June o chamasse para vir para casa, ele viria.

Eles selaram o compromisso uma noite antes de dormir e, nesse momento, Mick segurou o braço de June e a puxou para cima de seu corpo. Ela riu enquanto ele beijava seu pescoço.

Quando Mick viajou para fazer um show em Las Vegas, quatro dias antes da data prevista do nascimento, ele prometeu voltar para casa assim que ela avisasse que estava em trabalho de parto. “E vou chegar o mais rápido que puder”, ele disse enquanto beijava Nina na testa e June no rosto. Em seguida pôs a mão sobre a barriga de June e saiu.

Mas, quando o momento chegou — a mãe de June ligou uma hora e dez minutos antes de seu show de sábado à noite começar —, Mick não foi correndo para o aeroporto, como prometido. Desligou o telefone e ficou onde estava, de terno e gravata no camarim, olhando para as lâmpadas ao redor do espelho.

Era o último show da turnê em Las Vegas, e causar uma boa impressão para o pessoal de lá tinha grandes implicações. Poderia significar sua contratação para temporadas de vários meses, o que garantiria alguma estabilidade financeira. Depois daquela apresentação, ele não tinha mais nada marcado por duas semanas. Duas semanas! Exatamente como Junie havia pedido.

Ele teria todo esse tempo para ficar em casa. Só com Junie e as crianças. Sua atenção estaria toda voltada para as necessidades da família.

Assim, ele virou as costas para o espelho, ajeitou a gravata e foi terminar a passagem de som.

O segundo trabalho de parto de June aconteceu na velocidade da luz — seu corpo entrou em ação sem demora, lembrando com precisão exatamente o que havia feito um pouco mais de um ano atrás.

Mick estava com um terno preto impecável, se curvando para a frente e dando uma piscadinha para uma jovem sentada na primeira fileira, no exato momento em que seu filho, a quase quinhentos quilômetros dali, chorava pelo choque de ser colocado no mundo.

Mick chegou a Los Angeles sete horas depois do nascimento de Jeremy Michael Riva. E pôde perceber, só de olhar para June em sua cama de hospital, que ela estava furiosa.

“Você tem muita coisa para explicar”, sua sogra disse assim que Mick atravessou a porta. Ela começou a juntar seus pertences, sacudindo a cabeça para ele. “Vou deixar

vocês a sós”, Christina falou, pegando Nina e saindo do quarto.

Mick ficou olhando para June e para o bebê aninhado nos braços dela. Conseguiu ver uma parte da cabeça do filho, e ficou maravilhado com seus tufos de cabelos escuros.

“Era para você ter chegado antes”, June falou. “Não quase um dia depois. Qual é o seu problema?”

“Eu sei, querida, eu sei”, Mick respondeu. “Mas posso segurar o bebê? Agora?”

June assentiu, e Mick se aproximou para pegá-lo. O menino parecia bem levinho em seus braços, e a visão do rostinho de Jay deixou Mick sem palavras por um instante. “Meu filho, meu filho, meu filho”, ele disse por fim, com um orgulho e um afeto que fizeram o coração cansado de June se derreter. “Obrigado por ter me dado meu menino, Junie. Me desculpe por não poder estar aqui. Mas veja só o que você fez”, ele disse. “Nossa família linda. E devo tudo a você.”

June sorriu e contemplou a cena. Olhando para seu marido famoso, pensou em sua filha querida no corredor e estendeu o braço para tocar seu lindo menininho. Ela sentiu que já tinha muitas das coisas que sempre desejara.

E por isso deixou de lado as que não tinha.

Algumas semanas depois de Jay ir para casa, enquanto June escovava os dentes, Mick lhe deu um beijo na bochecha e disse que tinha uma surpresa. Havia gravado a

música que compôs para ela. “Warm June” seria o primeiro single de seu segundo álbum.

Ela cuspiu a pasta de dente na pia e sorriu. “Sério mesmo? ‘Warm June’?”

Mick assentiu com a cabeça. “Todo mundo no país inteiro vai saber o seu nome”, ele disse.

June gostou dessa ideia. E também gostou da ideia de que todo mundo saberia que ele a amava, que era comprometido.

Porque June estava começando a desconfiar que Mick não vinha se mantendo fiel a ela quando estava na estrada.

11h00

Kit estava sentada na entrada da garagem, à espera de Jay. Olhou no relógio de novo. Ele tinha saído fazia quase uma hora. Quem demorava tudo isso para abastecer o carro?

Seus cabelos estavam molhados e penteados sobre os ombros descobertos. Ela usava um vestido que havia sido de Nina, um modelinho listrado sem alças.

Kit não gostava muito de vestidos, mas viu aquele pendurado no armário e resolvera experimentar. Era confortável e fresco, e ela achou que fosse gostar do caimento da peça em seu corpo. Mas não estava muito certa disso.

Jay encostou na frente do chalé parecendo que estava até poucos segundos em alta velocidade.

“Por que demorou tanto?”, Kit perguntou.

“Desde quando você usa vestido?”, ele disse assim que pôs os olhos nela.

“Argh”, Kit resmungou, fechando a cara. Como era possível mudar — fossem mudanças grandes ou pequenas — se sempre havia alguém de sua família para lembrá-la

da pessoa que ela aparentemente estava destinada a ser? Ela deu meia-volta e começou a atravessar a garagem.

“Aonde você vai?”, Jay gritou.

“Trocar de roupa, seu babaca.”

Voltando para o quarto, ela tirou o vestido, que largou sobre o piso de madeira, e colocou um jeans e uma camiseta.

“Parabéns, quase acreditei que você foi mesmo abastecer”, Kit disse ao entrar no carro, se inclinando por cima do console central para confirmar suas suspeitas. O tanque ainda estava pela metade.

“Ah, cala a boca”, Jay retrucou.

“Quero ver você me obrigar.”

Jay voltou para a Pacific Coast Highway em alta velocidade. Um som do Clash tocava no rádio e, apesar de estarem irritados um com o outro, Jay e Kit não resistiram e começaram a cantar juntos. Como na maior parte de seus desentendimentos, a raiva que sentiam se dissipava assim que focavam em outra coisa.

Quando o carro se aproximou de Zuma Beach, eles viram Hud de short, camiseta e mocassins dockside, esperando por eles na beira da estrada. Jay parou e esperou um instante até que Hud pulasse no banco traseiro.

“Vocês estão atrasados”, Hud disse. “Nina já deve estar esperando a gente.”

“Jay precisou fazer uma operação secreta”, Kit respondeu.

“Kit precisou se trocar quatro vezes”, Jay retrucou.

“Uma vez. Eu me troquei uma vez.”

“Que operação secreta é essa?”, Hud perguntou enquanto Jay observava o trânsito e encontrava uma brecha para entrar na pista da direita.

“Não é nada”, Jay disse. “Esqueçam isso.” E nesse momento todos perceberam que se tratava de uma mulher.

Hud sentiu seus ombros relaxarem. Se Jay estivesse interessado em uma pessoa nova, isso amenizaria o baque. “Pode ficar tranquilo que eu já esqueci, então”, ele falou, erguendo as mãos em sinal de rendição.

“Pois é”, Kit completou. “Como se alguém realmente se importasse.”

Hud virou a cabeça e viu o mundo passar ao seu lado. A areia, os guarda-sóis, as barracas de hambúrguer, as palmeiras, os carros esportivos. Os caras jogando vôlei, as loiras de farmácia com biquínis fluorescentes. Mas não prestava muita atenção em nada. Estava se sentindo corroído pela culpa, com um nó no estômago por estar prestes a confessar para o irmão o que tinha feito.

Durante toda sua vida, Hud sempre sentiu que Jay não era só seu irmão, mas também seu melhor amigo.

Os dois estavam sempre juntos, traçando seus caminhos de forma uníssona e ao mesmo tempo oposta. Como uma dupla hélice. Os dois eram fundamentais para a existência um do outro.

1959

Foi no fim de dezembro de 1959, apenas alguns dias depois do Natal. Mick estava no estúdio em Hollywood. June estava em casa com Nina e Jay, assando um frango. A casa toda cheirava a limão e sálvia. Ela estava usando um vestido de listras vermelhas e havia enrolado as pontas do cabelo chanel, como fazia todos os dias. Jamais deixaria seu marido ser recebido em casa por uma mulher despenteada.

Por volta das quatro da tarde, a campainha tocou.

June não fazia ideia de que nos dez segundos que demorou para ir da cozinha à porta da frente estava se despedindo para sempre de sua ingenuidade.

Com Jay, de quatro meses, em um braço, e Nina, de quase um ano e meio, agarrada à sua perna, June abriu a porta e viu uma moça que reconheceu como a jovem atriz Carol Hudson.

Carol era miúda — bem pequena mesmo —, com olhos grandes, pele clara e estrutura óssea delicada. Estava usando um casaco de pele de camelo e um batom cor-de-rosa aplicado com perfeição nos lábios. Ao olhar para ela,

June ficou com a sensação de que um beija-flor tinha pousado em sua janela.

Carol estava diante da porta de June segurando um bebê no máximo um mês mais novo que Jay. “Eu não posso ficar com ele”, ela disse, com apenas um leve tom de lamento na voz.

Carol empurrou o bebê para os braços já ocupados de June, que ficou paralisada, tentando entender o que estava acontecendo. “Me desculpe. Mas eu não posso”, continuou Carol. “Talvez... se fosse uma menina... mas... um menino vai ser a cara do pai. Ele precisa ficar com Mick.”

June sentiu o ar escapar de seu peito. Em seguida respirou fundo, fazendo um leve ruído de susto.

“A certidão de nascimento”, a mulher falou, ignorando a reação de June e tirando o documento do bolso de trás. “Aqui está. O nome dele é Hudson Riva.” Ela havia dado o próprio nome ao menino, mas o abandonaria mesmo assim.

“Hudson, me perdoe”, Carol disse. Em seguida se virou e foi embora.

June observou enquanto ela se afastava, ouvindo seus saltos pretos baterem de leve no chão.

A raiva começou a tomar conta do coração de June enquanto via aquela mulher descer os degraus da entrada de sua casa. Não estava furiosa com Mick, não ainda. E nem com a situação, embora a frustração tenha se instalado de forma quase imediata. Naquele momento, ela sentiu uma fúria intensa e aparentemente infinita

direcionada a Carol Hudson, por bater na sua porta e lhe entregar uma criança sem sequer ter a coragem de dizer as palavras “Eu dormi com o seu marido”.

Carol havia tratado a traição dentro do matrimônio de June como uma preocupação secundária, a menor das peças do quebra-cabeça. Não pareceu se importar com o fato de que, além de um bebê, estava deixando ali um coração partido. June estreitou os olhos ao pensar na combinação peculiar de audácia e covardia daquela mulher. Carol Hudson era uma pessoa muito insolente.

June continuava a observar Carol quando os dois bebês em seu colo começaram a chorar — alternando os berros, como se estivessem se recusando a gritar em uníssono.

Carol entrou no carro e deu ré. Seu Ford Fairlane claramente novo em folha estava cheio até o teto de malas e sacolas. Caso June ainda tivesse alguma dúvida, a imagem do carro abarrotado deixou claro que não era uma brincadeira. Aquela mulher estava indo embora de Los Angeles, largando um filho nos braços de June para ela criar. Havia virado as costas, quase literalmente, para o sangue de seu sangue.

June viu Carol arrancar com o carro, e continuou observando até o veículo desaparecer atrás das montanhas. Ela continuou olhando ao longe por mais um tempo, desejando que a mulher voltasse e mudasse de ideia. Como o carro não reapareceu, June sentiu seu coração apertar.

Ela fechou a porta com o pé e colocou Nina diante da televisão. Sintonizou em uma reprise de *Minha amiga Flicka* na esperança de que a filha ficasse quietinha assistindo. E, de fato, Nina fez exatamente o que a mãe pediu. Mesmo com menos de dois anos, ela já sabia quando o ambiente estava carregado.

June deitou Jay no berço e o deixou chorar enquanto desenrolava Hudson de seu manto.

Era um bebê miúdo e magrinho, com membros compridos que ainda não conseguia controlar. Estava vermelho e aos berros, como se estivesse com raiva. Ele sabia que havia sido abandonado, June tinha certeza. Chorou tão alto e por tanto tempo — por muito, muito tempo — que June pensou que fosse enlouquecer. O choro dele se repetia como um alarme que nunca parava de tocar. As lágrimas começaram a escorrer por seu rostinho de recém-chegado ao mundo. Um menino sem mãe.

“Você precisa parar”, June sussurrou, desesperada e magoada. “Menininho, você precisa parar. Você precisa parar. Por favor, bebezinho, por favor, por favor. Por mim.”

E, pela primeira vez desde o início daquela jornada peculiar e nada bem-vinda, Hudson Riva olhou June diretamente nos olhos, como se de repente se desse conta de que não estava sozinho.

Foi nesse momento que, segurando aquele menino desconhecido nas mãos — olhando para ele, tentando

assimilar o que estava acontecendo com os dois —, June entendeu que era uma questão muito mais simples do que parecia.

Aquele menino precisava de alguém para amá-lo. E ela poderia fazer isso. Seria muito fácil para ela.

Ela o puxou para junto de si, o mais perto que podia, da mesma forma que fez com seus próprios filhos quando nasceram. Ela o abraçou com força, colou a bochecha em sua cabecinha e sentiu que ele começou a se acalmar. E então, antes mesmo que ele parasse de chorar, June já tinha se decidido.

“Eu vou amar você”, June falou. E cumpriu com sua palavra.

Quando anoiteceu, June tirou o frango do forno, cozinhou brócolis no vapor e fez um prato para Nina. Embalou os meninos no colo, deu um banho em Nina e pôs os três para dormir — um processo que levou duas hora e meia.

Enquanto executava cada uma dessas tarefas, June formulava seu plano. *Eu vou acabar com ele*, ela pensou enquanto lavava os cabelos de Nina. *Eu vou acabar com ele*, ela pensou enquanto trocava a fralda de Jay. *Eu vou acabar com ele*, ela pensou enquanto dava mamadeira para Hudson. *Mas primeiro ele vai ficar trancado para fora dessa casa.*

Quando as crianças dormiram — Nina na cama e os dois bebês dividindo o berço —, June serviu uma dose de vodca em um copo e virou de uma vez. Em seguida serviu